

mais duas dioceses no Estado (Ponta Grossa e Jacarezinho), mais a Prelazia de Foz do Iguaçu. Prelazia é um bispado em formação, com pouca autonomia. O primeiro prelado foi monsenhor Guilherme Maria Thiletzek, que dá o nome ao Colégio Monsenhor Guilherme e à Santa Casa. A área da Prelazia era muito vasta. Abrangia até Guarapuava. Campo Mourão e Guaíra. A sede era Foz do Iguaçu.

- Em 1936, a sede da Prelazia passou para Laranjeiras do Sul. Por quê?

- Monsenhor Guilherme transferiu a sede porque Laranjeiras era lugar central. Foz ficava no extremo da Prelazia, o que dificultava a administração. Mudou de sede, mas não de nome - ficou sendo Prelazia de Foz do Iguaçu até 1939.

- Nesse meio tempo, a Prelazia foi comandada por Monsenhor Guilherme. Dom Manoel Konner passaria pelo vexame de ser preso num lamentável equivoco, não?

- De fato, ele passou por isso. Em 1937/38, hospedava-se na casa dos padres um membro da família real da Áustria, um arquiduque de Haubsburgo que tinha uma grande fazenda no Paraguai. Em 38 viajou à Áustria prometendo voltar logo. Mas as tropas de Hitler invadiram a Áustria e ele foi preso. Deixou aos cuidados dos padres alguns caixotes com artigos de uso pessoal, instrumentos de trabalho, alguns fuzis e um ou dois quilos de dinamite. Nesse tempo, dom Konner trabalhou em Minas Gerais.

- Voltou a Foz do Iguaçu e a "bomba"

explodiu na mão dele.

- Um conhecido do arquiduque sabia do conteúdo daqueles caixotes e foi à Delegacia de Polícia denunciar dom Konner de ocultar material bélico em casa algo proibidíssimo para estrangeiros residentes na fronteira e no litoral. Já era 1943. Segundo se sabe, dom Manoel Konner não tinha conhecimento da existência das armas. O quarto onde estavam era mantido chaveado pelos padres.

- De qualquer forma, dom Manoel Konner foi detido.

- Foi preso em casa pelo delegado, levado ao Rio de Janeiro, onde foi condenado a três anos de prisão, sendo porém absolvido em fevereiro de 1944. O processo foi arquivado por absoluta falta de provas contra dom Manoel Konner. Ele voltou a Foz do Iguaçu e foi recebido com grande festa.

- Bem, o status de Prelazia durou, segundo disse, até 1959. Qual foi o passo seguinte dado então?

- Naquele ano foi criada a Diocese de Toledo, que abarcou grande área da Prelazia de Foz do Iguaçu. Nisso a Prelazia deixou de existir, e Foz do Iguaçu passou a ser simples paróquia da Diocese de Toledo. Essa situação durou até 1978, quando então bispo de Toledo dom Armando Sirio, atual arcebispo de Cascavel, conseguiu do Vaticano a criação das Dioceses de Cascavel e Foz do Iguaçu.

- E o padre Olívio Aurélio Fazza, da Congregação do Verbo Divino, foi elevado a bispo de Foz do Iguaçu. Como

se deu sua promoção na hierarquia eclesiástica?

- Eu estava em São Paulo, no cargo de superior da Província Brasil - Centro da Congregação do Verbo Divino, que abrange todo o Estado de São Paulo. Nunca havia me passado pela cabeça a idéia de ser bispo. Mas alguns meses antes de ser elevado a bispo, estive em Roma participando do Congresso da Congregação e ouviu de padres insinuações de que eu seria nomeado bispo. A Diocese de Foz do Iguaçu foi criada e eu nomeado bispo pela bula "De Christiani Populi", do papa Paulo VI, em 5 de maio de 1978.

- Por onde havia passado, o que havia feito antes de ser superior provincial e bispo?

- De 1958 a 1962 trabalhei em Toledo no Seminário Menor do Verbo Divino. Lecionava português, matemática... Eram tempos difíceis, em que nem energia elétrica havia.

- Pela histórica presença da Congregação do Verbo Divino na região, era quase um imperativo que o bispo de Foz do Iguaçu fosse do Verbo Divino?

- Realmente, a Congregação do Verbo Divino tem uma longa história nesta região e também no Paraguai e na Argentina. Desde o início da evangelização na fronteira, o Verbo Divino esteve presente. Começou e leva adiante até hoje sua missão evangelizadora.

- Ao assumir a Diocese, que linha de ação pastoral traçou?

- Procurei imprimir um estilo, digamos assim,

atualizado de pastoral, conforme aprendi na Arquidiocese de São Paulo, onde trabalhei como padre até ser nomeado bispo. Desde o começo procurei incentivar os grupos de reflexão nas paróquias. Ainda em 1978, logo que assumi, realizamos assembleia diocesana para definir o modo de caminhar da Diocese. Definiram-se que devia se pautar por uma linha de participação comunitária, com ênfase na atuação do leigo. Também desde o começo enfatizamos a formação de novos padres. Já no primeiro ano tínhamos um bom número de seminaristas. Sem o clero, a igreja não anda.

- Neste seu tempo de bispado, quais foram as situações mais problemáticas, dramáticas talvez, que teve de enfrentar?

- Um mês depois que assumi a Diocese fui procurado pelo movimento dos desapropriados por Itaipu pedindo apoio. Estavam começando o Movimento Justiça e Terra, que teve uma longa e penosa luta para conseguir uma indenização justa, ou menos injusta, de Itaipu. Eu dei todo o apoio, sempre. Depois tivemos a grave questão das Notas Promissórias Rurais em Medianeira, ocupações de terras em Medianeira e Matelândia, quando demos apoio àqueles agricultores.

A igreja nunca incentivou invasões de terras, mas nunca deixou de compreender a situação desse povo, que não é um povo que não quer trabalhar, como dizem muitos, e sim é vítima de uma estrutura social injusta.

Egeu Timótheo de Brito

"Os policiais federais mandados a Foz eram os mata-bandidos de Carlos Lacerda no Rio de Janeiro"



A família Brito marca presença em Foz do Iguaçu desde a década de 50, movida pela corrida à madeira abundante na região. A mesma esteira trouxe Egeu Timótheo de Brito, mas para outros ramos de atividade. Formado farmacêutico químico em Porto Alegre, migrou para o Paraná em 1959 para estreitar uma série de atividades ainda desconhecidas de Foz do Iguaçu. (Juvêncio Mazzarollo)

- O que trouxe a família Brito a Foz do Iguaçu?

- Meus irmãos extraíam madeira no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Iam de um lado para outro com serraria e assim chegaram no Oeste do Paraná. Montaram em Foz do Iguaçu a Madeireira Farro e exportavam para a Argentina.

- E o senhor o que fazia enquanto isso?

- Estudava em Porto Alegre. Me formei farmacêutico químico pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1957. Passei a percorrer o Estado à procura de uma cidade para montar laboratório ou farmácia. Escolhi Lajedo e lá montei o laboratório com dinheiro emprestado por meus irmãos madeireiros, que diziam ser loucura eu fazer aquilo. Diziam que devia vir ao Oeste do Paraná ou Santa Catarina.

- Ficou tentado e veio ver?

- Vim ver. Vim de Jeep com meu irmão. A primeira parada foi em São Miguel do Oeste, onde meus irmãos tinham madeireira. Lá em quis comprar uma farmácia mas não deu certo, então segui para Barracão. Fiquei horrorizado com o lugar e segui viagem até Foz do Iguaçu, de Jeep, com chuva, estrada horrível no mato fechado, caminhões carregados de madeira atolados por todo lado. Na Serra do Mico, entre Medianeira e São Miguel do Iguaçu, lugar na época conhecido por "Tomba Jeep", voamosadeira abaixo. Felizmente nada de grave aconteceu.

- Já havia farmácias em Foz?

- Havia duas - uma do Schimmelpfeng e outra do Evandro Teixeira. Fui pedir a opinião dos médicos Silvio Cury e Dirceu Lopes sobre meu projeto de montar farmácia. Eles reagiram com indiferença, como quem não acredita que dê certo. Comecei a ficar preocupado e querendo voltar ao Rio Grande do Sul, onde minha mulher, grávida, havia ficado. Certo dia estava eu deitado numa rede no escritório da madeireira dos meus irmãos e chegou a polícia à minha procura. Levei um susto quando perguntaram por mim. Mas o policial vinha me trazer um telegrama em que minha mulher, preocupada, pedia informações sobre meu paradeiro.

- Montou a farmácia, afinal?

- Não. Montei laboratório. Comprei um terreno de Antônio Ferreira Damião na Avenida Brasil, construí uma casinha e fui buscar a mulher, que já dera à luz há um mês, e trouxe o laboratório de análises clínicas que havia deixado em Lajedo.

- Certamente seu laboratório foi o primeiro instalado em Foz do Iguaçu.

- Não só em Foz do Iguaçu, mas em toda a região. Fui também o primeiro farmacêutico formado proprietário de farmácia aqui. E, ainda, fui quem primeiro abriu uma agência de turismo na cidade, a Turismo e Câmbio Iguaçu, em 1961. Abri a agência por sugestão de um amigo que trabalhava no ramo em Uruguiana, RS. Para

saber o câmbio do dia sintonizava uma rádio de Montevideu. Certa vez fui a São Paulo e a mala com o dinheiro foi parar em Curitiba. Fiquei apavorado, mas no dia seguinte recebi a mala intocada em São Paulo. Os dólares que tinha davam uma montanha de cruzeiros, por isso fui a um banco comprar um cheque para não viajar com aquilo. O cheque, porém, esqueci no hotel de São Paulo. Outra vez tive sorte: no dia seguinte, o hotel me mandou a mala com o cheque, via Varig.

- Mas o senhor montou farmácia depois?

- Sim, a Farmácia São José, que ainda mantenho. Fui, ainda, sócio da Coverna (revendedora de automóveis) e gerente da Sadia Transportes Aéreos.

- Até quando se dedicou a esses negócios?

- Até 1973, quando resolvi largar tudo isso e trabalhar na lavoura. Arrendei terras de João Samek para plantar hortelã. Instalei dois alambiques e contratei duas dezenas de peões. A hortelã foi um grande negócio na região na década de 70. O que estragava era o monopólio da compra do óleo. Era controlado por dois ou três estrangeiros (japoneses) que fixavam preços muito altos quando havia pouco óleo, incentivando assim a ampliação da produção e baixavam violentamente o preço quando havia óleo em abundância.

- Por isso o senhor desistiu?

- Desisti depois de três anos. Voltei para a cidade e montei o Laboratório de Análises Clínicas Paraná, hoje talvez o mais moderno de Foz do Iguaçu.

- Mudando completamente de assunto:

Ninguém abordou aqui um fato político-militar que marcou Foz do Iguaçu após o golpe militar de 1964. O coronel do Exército Jefferson Cardim ensaiou uma insurreição contra o regime militar no Sudoeste e Oeste de Santa Catarina e Paraná. O coronel e sua tropa foram presos e trazidos ao quartel de Foz do Iguaçu. O senhor acompanhou aqueles acontecimentos?

- Sim, lembro muito bem. O coronel Jefferson e seus comandados, cerca de vinte homens, foram presos e trazidos a Foz do Iguaçu. O comandante do Batalhão, coronel Ademar Marques Curvo, convidou autoridades, lideranças e pessoas de destaque na sociedade para exhibir-lhes, triunfante, os prisioneiros, como para mostrar o destino de quem ousasse se insurgir contra o governo.

- O senhor foi convidado e foi ver os "troféus"?

- Fui. Os prisioneiros estavam alojados sob uma lona, imundos, esfarrapados, sob um sol inclemente. O coronel Curvo fez um discurso de apresentação dos presos. Chamou-os de maiores da pátria, comunistas, subversivos. O coronel Jefferson estava isolado, preso numa cela, e para lá fomos levados, como quem visita uma jaula onde está em exposição uma fera. Ele estava algemado às grades da cela num estado lamentável.

- Esse coronel Curvo não acabaria sendo assassinado depois, em outra circunstância?

- É verdade. Ele, inclusive fora combatente da FEB na Itália, na Segunda Guerra

Mundial. Mas o coronel Curvo tinha aqui fama de mulherengo. Um cabo do quartel foi levado a suspeitar que o coronel estava "saindo" com sua mulher e, um belo dia, foi ao gabinete do comando e o matou. Sem entrar no mérito dessa questão, para mim o coronel Curvo era uma excelente pessoa, um companheiraço.

- Sobre a vida social de Foz do Iguaçu de anos passados e de sua participação nela, o que o senhor poderia observar e contar?

- Nos anos 60, eu, como sócio-fundador do Foz do Iguaçu Country Club, assumi o compromisso de viabilizar a construção de sua sede social. Era sócio da revendedora Ford (Covema) e consegui um carro Gordini quase de graça para ser rifado e assim conseguir o dinheiro para a obra do Clube. Obtive licença verbal do juiz e da Polícia Federal, ou seja, um compromisso de que fariam vistas grossas. No dia marcado para o sorteio, eu me instalei na Avenida Brasil com um alto-falante e convocava o povo a comprar as últimas cartelas, quando então chegou um policial federal e me deu ordem de prisão. Fui levado preso, acusado de promover uma contravenção. A Polícia Federal me entregou à Polícia Civil, que me liberou. O próprio delegado me sugeriu que escondesse o Gordini para que posteriormente fosse feito o sorteio, como de fato aconteceu.

- A truculência caracterizava a Polícia Federal na época, não?

- Era arrogante, o terror da cidade. Os policiais federais mandados a Foz do

Iguaçu eram os mata-bandidos de Carlos Lacerda no Rio de Janeiro, que aqui faziam e desfaziam arbitrariamente.

- Nessa linha algum outro fato merece atenção?

- Outro exemplo de como eram as coisas por aqui sob o regime militar aconteceu comigo em 1975, quando era diretor social do Country Clube. Naquele ano, o Country promoveu seu primeiro Carnaval. Para promover festas e espetáculos públicos era necessário ter autorização da censura e permitir que agentes de órgãos de informação, da Polícia Federal ou do Exército, entrassem sem pagar.

- E os agentes informantes se valiam disso para ir a festas e espetáculos sem pagar.

- Oficializaram a figura do penetra. O que aconteceu no Carnaval do Country foi uma tentativa de verdadeira invasão de penetas, em nome da censura federal. O Clube estava lotado, a festa animadíssima. Altas hora da noite aparece lá uma leva de policiais e militares querendo entrar. O bate-boca foi duríssimo de ambas as partes, mas nós da diretoria não afrouxamos e não permitimos que entrassem. Eu fui enérgico com eles e fiquei preocupado, com a certeza de que não deixariam por isso mesmo. No dia seguinte, por medo de ser preso, fui me esconder na casa de um sub-oficial do Exército, Luiz Pereira de Lima, hoje diretor administrativo do jornal "A Gazeta do Iguaçu".



Áurea Cunha

Dona Elma Wandscheer veio para Foz do Iguaçu com seis anos de idade em 1932. Acompanhando uma tia, ela se fixou em Foz e casou com Balduino Wandscheer. O casal passou a trabalhar na roça na região conhecida como Tamanduazinho - à beira da Estrada Velha de Guarapuava. Dona Elma e seu Balduino tiveram seis filhos (Lídio, Pedro, João, Carlos Neli e Clarice).

(Zé Betto Maciel)

Elbecia (Elma) Wandscheer

"Tinha arroz, milho. Feijão dava bem também. Nós trazíamos na cidade. Nas lojas que tinham, tinha uma porção."

- A senhora veio com toda sua família para cá?

- Da minha parte, não. Tenho primos. Meus parentes estão tudo lá a Argentina. Tenho um irmão, tenho uma irmã.

- E como a senhora veio para Foz?

- Eu vim com minha tia em 1932. Quando eles vieram aqui para Foz do Iguaçu, não tinha ninguém, pouca gente. Ai ela casou e veio morar aqui e como não tinha ninguém, pediu para minha mãe para eu ficar um tempo aqui. Ai eu fiquei um ano, um ano e meio.

- A senhora estudou em Foz?

- Só estudei aqui. Estudei particular na casa da dona Celeste (Azambuja Sotto Maior), eles moravam na chácara. O pai dela, o Carlito, tinha um alambique. Então ela dava aula e nós vínhamos na casa dela. Estudei uns dois anos com ela, depois paramos.

- E moravam aonde?

- Nós morávamos no Segundo Distrito (região Norte de Foz, Porto Belo). Onde hoje é a igreja São José, lá era o terreno dos meus tios. Ai me criei com eles e tudo, me casei, e nunca mais...

- Em que ano a senhora casou?

- Em 1945.

- O Wandscheer (Balduino Wandscheer - marido de dona Elma

foi vereador e prefeito em Foz) a senhora conheceu aqui?

- Ele é nascido aqui em Foz do Iguaçu.

- E como era o começo, antes dele se dedicar à política, muito trabalho?

- Não, nós trabalhamos, casamos e viemos aqui (Estrada Velha de Guarapuava), morar aqui. Ai saímos de lá, paramos um tempo, uns quatro meses com meu sogro.

- Sempre na roça?

- Sempre na roça. Tinha moinho e descascador de arroz.

- Qual era a maior produção?

- Arroz. Mais era arroz e milho. Plantava muito arroz.

- Por causa do descascador?

- Não é isso. É que dava mais, o pessoal plantava mais. Tinha arroz, milho. Feijão dava bem também.

Nós trazíamos na cidade, nas lojas que tinham, tinha uma porção. Levava na venda, na mercearia. Pesava um sacode 50 kg para um, 50 kg para outro.

- Era venda de muito trabalho?

- Deus me livre. Antigamente era muito trabalho. Não tinha estrada, não tinha nada.

- Qual era o tamanho da propriedade?**
- Aqui, era 50 alqueires. A maior parte era de potreiro, daí ele mandou arar e ficou para plantação.
- Quando que seu marido começou a se interessar por política? A senhora falou que ele foi eleito vereador ...a senhora lembra do partido?**
- É PSD. Foi em 69, 71.
- O seu Balduino era conhecido?**
- Sim, Deus o livre. Ele era conhecido de todo mundo. Toda parte ele era conhecido. Não é que eu vou 'gavar' ele, mas ele era uma pessoa muito querida em Foz do Iguaçu.
- Que tipo de trabalho ele fazia, além desses?**
- Ele participava da igreja para ajudar, de esporte, a maior parte, ele gostava de esporte, qualquer coisa que acontecia com doença, porque antigamente ninguém tinha condução. Aí conseguimos comprar um carro e ele puxava leite, ia buscar aquele pessoal lá no Apepu, doente de tudo, sempre levava um ou outro. Ele sempre estava pronto para ajudar as pessoas.
- Ele foi três meses prefeito de Foz a partir de 1969?**
- Ele ficou três ou quatro meses. Ele ficou como é que fala, interino. Depois que aquele prefeito tinha ido embora (coronel José Carlos Toledo).
- Ele era presidente da Câmara e ficou como prefeito? A senhora não lembra de alguma coisa que ele chegou a fazer?**
- Emperrava muita gente, a maior parte era carroça.
- A maior parte era carroça.
- O pessoal ficou mais animado, ele sendo prefeito?**
- Sim, o pessoal queria. Sempre dizia tomara que o sr. Balduino fique no lugar, que assim nós vamos ter alguma coisa a mais. Mas..
- A senhora estava falando da estrada Velha de Guarapuava, mesmo quando a estrada era usada não era muito bem cuidada?**
- Não. Não era cuidada.
- Era uma picada?**
- Essa estrada (atual Avenida Guarapuava) foi a primeira de Foz do Iguaçu. Aqui se juntavam colonos para limpar as beiradas, manter limpo, mas era sacrificado antigamente. Depois nós saímos de lá do Tamanduá, não deu mais certo, o meu sogro queria mudar para cidade, aí ele pediu para o meu marido vir morar na chácara dele. Aí começamos a vender, comprar uma vaquinha. Nós já tínhamos duas ou três vaquinhas, começamos a criar, e vai e vai. Lutando sempre lutando, aí conseguimos um dia, vender leite. Vendíamos 400 e poucos litros de leite. Ia pegar os colonos, fornecia ao Batalhão, aos oficiais, lutando sempre.
- Passava muita gente?**
- Sim, a maior parte todo mundo passava aqui. Carroças e tudo, quem tinha condução. Era feio aqui, descer o Tamanduazinho era feio a estrada, tinha que por pau na estrada, era muito feia nossa estrada.
- Emperrava muita gente, a maior parte era carroça?**
- Sim, porque a única estrada era essa. Eles não tinham como vir por outra estrada.
- Como é que pessoal na sua época se divertia, tinha baile?**
- Baile tinha. Mas isso era mais para juntar assim, o meu sogro fez um barracão, um paiol muito grande para nós colocarmos arroz. E o pessoal sabia que o meu sogro tocava muito bandoneon, sabe, então todo dia era ali, vamos, vamos. Aí todo sábado saía baile. Que meu sogro sempre tocava na Foz, ele era músico que tocava bandoneon.
- Como era o nome de seu sogro?**
- Felipe Wandscheer. Ele tocava, tinha um clube que era dos Weirich. Onde fica, como eu vou dizer ... a Casa Dama (JK com Jorge Sanways). Ali tinha um salão muito grande, fábrica que faziam cerveja. Então volta e meia eles chamavam meu sogro para tocar.
- E além disso, nessa época não se tinha acesso à saúde, a médico, como era criar as filhadas nessa época?**
- Graças a Deus, eu criei meus filhos.
- Não tinha tanta doença também?**
- Só uma filha minha menor, pegou paralisia com nove meses. Lutamos, ela tinha 10 anos, o médico falou que tinha que levar para Curitiba para fazer umas aplicações. Ficou boa, o médico disse que ela ia melhorar. Quando era para trazer para casa, meu marido disse que não adiantava, que era melhor que ficasse lá, em tratamento, porque nós não tínhamos condições para ir todo dia até a cidade, dar uma injeção. Aí, veio uma comadre e disse que ela estava meio abandonada. Meu marido decidiu que ia buscar. Chegou a notícia que a menina estava passando mal. Meu marido foi lá mas não deu mais, a menina não aguentou, faleceu.
- (Entrevista inédita, maio 1997)*



Elfrida Engel Nunes Rios

*"Não se preocupem, as alturas não me intimidam".
(Alberto Santos Dumont, abril de 1916, em Foz do Iguaçu).*

Dona Elfrida faleceu dia 9 de setembro de 1991 mas sua presença neste documento histórico é indispensável, pela importância de sua família no início da história política deste município. Quando ela tinha 79 anos, em 1984, dirigindo sua famosa e saudosa Casa Jacy, ela foi o personagem central de uma publicação local, o Guia de Turismo de Foz do Iguaçu. (Chico de Alencar)

Elfrida é gaúcha de Porto Alegre, assim como seu pai Frederico Engel Rios e sua mãe Carolina Engel Becker. O pai transferiu-se de Posadas, Argentina, para Vila Iguaçu, em 1915, a convite e sugestão de Jorge Schimmelpfeng, então o primeiro prefeito da localidade.

No dia 15 de novembro do mesmo ano, junto com sua família, o patriarca conseguia inaugurar o Hotel Brasil, tornando-se o primeiro gerente hoteleiro da cidade. O prédio do estabelecimento era um casarão de madeira que permitia o alojamento de apenas 14 pessoas. Localizava-se na Av. Brasil, onde hoje se encontra o prédio do Banco Bamerindus.

Logo que chegou à Vila, tomou conhecimento de que as terras do atual Parque Nacional do Iguaçu pertenciam a um particular, o uruguaio Jesus Val, radicado na Argentina.

Frederico Engel entrou em contato com o proprietário, conseguindo sua autorização para cuidar da área e explorá-la por tempo indeterminado. Imediatamente pensou em melhorar o aspecto de um velho e abandonado casarão nas proximidades das Cataratas. Reformado, tornou-se o primeiro Hotel das Cataratas.

Em seguida, abriu uma picada de 18 km na mata virgem, até alcançar as Cataratas. Trabalho árduo, feito a machado foice e traçador. Tudo para facilitar o acesso dos visitantes até aquela atração turística.

No ano seguinte, 1916, soube que Santos Dumont, o Pai da Aviação, encontrava-se bem próximo de Foz do Iguaçu, hospedado em território argentino. Frederico então procurou o prefeito Jorge Schimmelpfeng propondo-lhe que fosse feito um convite para que tão ilustre personagem visitasse a Vila Iguaçu. Com a concordância do prefeito Schimmelpfeng, foi organizada uma comissão municipal que receberia o inventor como hóspede oficial da prefeitura.

Elfrida, aos 16 anos, lembra-se muito bem da sua chegada: "Ele assinou o livro registro de hóspedes por volta do meio-dia, instalando-se no quarto número 2 do nosso Hotel Brasil. Depois de saborear uma churrascada que lhe foi oferecida, seguiu para as Cataratas a cavalo, junto com meu pai e outros guias."

Segundo ela, a viagem podia ser feita a cavalo ou com uma espécie de charrete puxada por quatro ou seis animais e comandada por seu irmão Alfredo. Em dias secos demorava aproximadamente quatro horas e nos chuvosos, não menos que seis horas. Portanto, Santos Dumont transitou em meio aos encantos de admirável floresta. Chegou ao hotelzinho que podia abrigar seis pessoas e que jamais lotou enquanto pertenceu a Frederico Engel.

Dotado de grande sensibilidade, Santos Dumont procurou imediatamente aproximar-se das Cataratas, onde protagonizaria um surpreendente e perigoso espetáculo. Elfrida conta que seu pai quase

se arrependera amargamente por ter imaginado fazer aquele convite: "no princípio de 1916 aconteceu uma grande enchente e as águas do Rio Iguaçu arrastaram várias toras de uma serraria existente margem acima. Um destes troncos enroscou-se por cima do precipício, entre as pedras do Salto Floriano - aquele maior que vemos de frente - deixando cerca de cinco metros suspensos, sem muita segurança".

Para desespero de meu pai - continua Elfrida - o grande inventor caminhou em direção da tora e, lentamente equilibrou-se entre o céu e o abismo sem medir as consequências nem se preocupar com o tempo. Cruzou os braços e permaneceu de pé contemplando a garganta do Diabo. Ficou ali até saborear a beleza imensa".

"Meu pai - acrescenta a pioneira - calou-se espantado. Os guias imitaram-no. Não ousavam dizer uma só palavra temendo que ele se distraísse e escorregasse da madeira unedecida pela neblina continuada.

Seria fatalmente um salto mortal para o abismo. "Papai viveu momentos de angústia, medindo a terrível responsabilidade que havia assumido como idealizador daquela visita." Felizmente tudo acabou bem. Santos Dumont voltou tranquilamente para terra firme e meu pai expressou-lhe seu desespero pela imprudência que havia cometido, sem medir as possíveis consequências. Batendo amigavelmente no ombro de papai, procurando acalmá-lo, Dumont afirmou: "Não se preocupe, as alturas não me intimidam". E acrescentou decidido: "Posso dizer-lhe que estas maravilhas em torno das

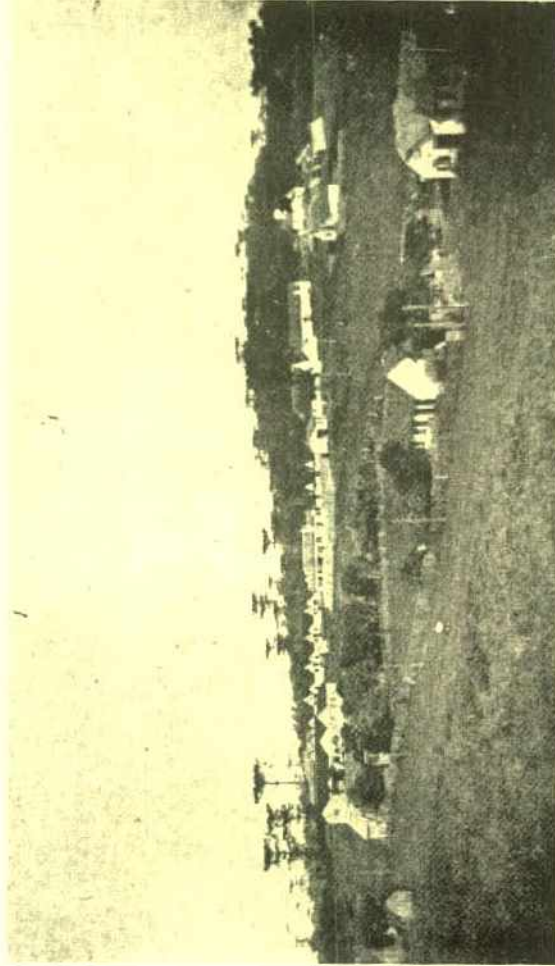
Cataratas não podem continuar a pertencer a um particular. Eu vou à Curitiba falar com o governo para providenciar imediatamente a expropriação destas terras e das Cataratas". O inventor ficou por três dias no hotelzinho das Cataratas, não se cansando de admirá-las de dia e à noite, sob a luz do luar. Alguns dias depois, a tora foi atirada à voragem pelas águas do rio, levando para o esquecimento este momento de fantástica coragem de Santos Dumont. Ninguém antes dele, nem depois, teve a coragem deste gesto acontecido há 63 anos atrás".

No dia 26 de abril, à tarde, ele retornou para o hotel da Vila. A noite foi lhe oferecido um baile. Limitou-se a apreciar a animada festa, sem contudo participar das danças. Permaneceu a maior parte do tempo perto da porta ao lado do piano. Às quatro horas da madrugada do dia 27, despediu-se cordialmente de todos os presentes e seguiu viagem a cavalo até Guarapuava, com destino à Curitiba, onde se avistaria com o governo. De fato, três meses depois, o Palácio da Presidência do Estado do Paraná expediu o Decreto n 653, datado de 28 de julho de 1916, tornando realidade aquele patriótico sonho. Elfrida, lembrando o empenho de Santos Dumont, declara: "Ele merece toda admiração do povo iguaçuense e do Brasil. Lutando pela criação do Parque Nacional do Iguaçu, que se tornou o pino da indústria sem chaminés que hoje traz anualmente, milhões de turistas a Foz do Iguaçu"

(Extraído do "Guia de Turismo de Foz do Iguaçu", 1984).

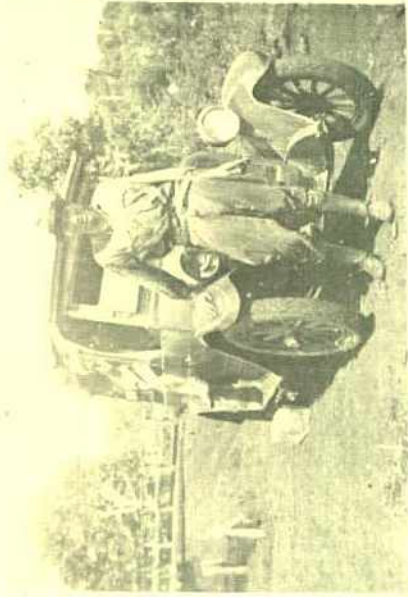
Retratos

Foz do Iguaçu



Reprodução

Os pinheiros sobressaem na mata que circundava a cidade.



Arquivo Família Vera

Armindo Matte e um dos primeiros carros de Foz.



Ney de Souza

Érica Welter

"Meu pai fazia a melhor cachaça de Foz do Iguaçu, produzia a cana e fazia a cachaça no alambique, seu nome era Rosa Gaúcha, muito apreciada".

Em 1924, procedente do Rio Grande do Sul, a família Welter plantou raízes em Foz do Iguaçu e aqui fez e faz história, como relata a seguir a professora Érica Welter, aqui nascida em 1933.

O ramo Welter de Foz do Iguaçu deu à Igreja Católica três padres e duas freiras, e deu ao ensino a sabedoria e a virtude da professora Érica, que passou por quase todas as escolas da cidade.

(Juvêncio Mazzarollo)

- De onde veio a família Welter que se estabeleceu e cresceu em Foz do Iguaçu?

- Meus pais, Carlos e Verônica Welter, vieram do Rio Grande do Sul em 1924. Nasceram e se casaram na Colônia Selbach. Nem sei onde era isso. Vieram com cinco filhos e aqui tiveram mais cinco, mas uma filha morreu no Rio Grande do Sul. Outros três dos meus irmãos são falecidos. Meu pai morreu em 1960 e minha mãe em 1980. Eu nasci em Foz do Iguaçu em 1933.

- Por que seus pais migraram do Rio Grande do Sul?

- Segundo me contavam, lá no Rio Grande do Sul não estava mais dando certo. Não produziam mais. Meu pai se descontentou com o patrão. Foi quando esteve lá Miguel Mate e convenceu meus pais a virem para cá. Ofereceu terras boas e baratas. Vieram e se instalaram na área onde hoje é o bairro Carinã.

- O que fazia seu pai no Rio Grande do Sul?

- Era marceneiro. Aqui, inicialmente trabalhou com olaria. Depois trocou a terra e a olaria por uma área de José Fritzen, onde hoje está o Centro Pastoral Shalom. Lá ele instalou alambique de cachaça. Fazia a melhor cachaça de Foz do Iguaçu. Ele mesmo produzia a cana e fazia a cachaça no alambique.

- Era um bom negócio?

- Só era. Vinha gente até de Laranjeiras do Sul comprar nossa cachaça.

Um homem vinha de lá com carroça puxada por seis cavalos buscar cachaça em barris. Quando vinham se hospedavam em nossa casa. De Cascavel também vinham compradores.

- A cachaça tinha uma marca? Era famosa?

- A marca era "Rosa Gaúcha" e muito famosa. Meu pai fazia também cachaça de laranja verde, muito apreciada e gostosa.

- Seu pai ficou muito tempo produzindo cachaça?

- Até 1957 ou 58, quando adoeceu. Então meu irmão Vitor tomou conta da fábrica, mas logo parou porque não estava rendendo bem.

- O que diria de seus pais como pais?

- Foram pais exemplares, muito bons e dedicados aos filhos. O estudo que puderam dar eles deram aos filhos. Inclusive, três irmãos meus são padres e duas irmãs são freiras.

- Onde estão eles? Por que mundos andaram?

- Padre Bruno Welter está em Curitiba, padre Otto Welter, em Medianeira, depois de ter trabalhado na África durante 40 anos como missionário.

O padre Lotário Welter está em Curitiba também, depois de ter trabalhado durante dois anos em Assunção, Paraguai. Padre Lotário escreveu um livrinho com tópicos da história de Foz do Iguaçu, particularmente da igreja.

- E suas irmãs freiras?

- Irmã Agda trabalha num hospital do Rio de Janeiro e irmã Valéria trabalha no Hospital Santa Tereza, em Petrópolis, RJ.

- Quem da família ainda vive em Foz do Iguaçu?

- Eu e minha irmã Sara, que é viúva. Eu também sou viúva. Meu marido, Giuseppe Giuliano, faleceu em 1993. Tivemos três filhos.

- Existe outro ramo dos Welter em Foz do Iguaçu?

- Há a família Welter formada por meu tio, mas a maioria dos filhos dele está em Toledo. Nossa família ficou com descendência pequena porque a maioria foi ser padre ou freira.

- Como foram sua infância e juventude em Foz do Iguaçu nos anos 30 e 40?

- Morar em Foz do Iguaçu naquela época era bem melhor do que é hoje, apesar dos poucos recursos que havia. Todos se sentiam com segurança. Quase não havia doenças. Enfim, a vida era mais fácil. Não sei se o dinheiro valia mais do que hoje ou se os preços eram mais baixos...

- E em matéria de ensino, o que havia quando a senhora era criança?

- Havia a Escola Bartolomeu Mitre e a Escola Jorge Schimmelpfeng. Depois surgiu o Colégio Monsenhor Guilherme. Em 1956 foi criado o Colégio Agrícola, do qual fui a primeira professora, junto com a professora Filomena de Souza, já falecida.

- Começou no magistério no Colégio

Agrícola?

- Não. Comecei um ano antes, em São Miguel do Iguaçu, que ainda pertencia a Foz do Iguaçu. Em 1955 trabalhei e morei o ano inteiro em São Miguel. Com a abertura do Colégio Agrícola, voltei a Foz do Iguaçu, e lectionei lá até 1964.

- Como era São Miguel do Iguaçu em 1955?

- Era um povoadinho incipiente, mas muito gostoso. Também era muito gostoso trabalhar na única escolinha que havia no município.

- O Colégio Agrícola foi criado como uma espécie de abrigo, de internato para menores carentes, abandonados?

- Não, até porque na época não havia isso. Os colégios agrícolas do Paraná foram criados pelo governador Manoel Ribas para dar oportunidade de estudo aos filhos dos agricultores, numa época em que não havia escolas no meio rural. Foram criados em regime de internato justamente por se destinarem a filhos de agricultores, que não poderiam ir e voltar dos colégios todos os dias. Os colégios agrícolas como o de Foz do Iguaçu foram o primeiro investimento no ensino agrícola do Paraná, numa época em que escola era coisa exclusiva da cidade. E o Colégio Agrícola de Foz do Iguaçu significou um impulso ao desenvolvimento da agricultura e da pecuária na região.

- No Colégio Agrícola a senhora trabalhou com o diretor Manoel Moreira Pena, que viria a dar o nome do estabelecimento? Ele foi o primeiro diretor?

- O primeiro diretor foi o dr. Rubens, cujo sobrenome não lembro. Manoel Moreira Pena

foi o segundo diretor, e trabalhei com ele, sim. Foi um excelente diretor, um verdadeiro pai para os alunos, funcionários e professores. Em toda minha vida de magistério nunca tive um diretor melhor do que ele.

- Ele faleceu no próprio colégio, não?

- Morreu no Colégio, de câncer, quando eu trabalhava lá.

- Que comparação a senhora faz entre o ensino daquele tempo e de hoje?

- Naquele tempo os alunos aprendiam muito mais do que hoje. Os professores tinham um nível de exigência maior e os alunos tinham um empenho maior. Havia mais disciplina, obediência e interesse em ensinar e aprender. O que se aprendia no ginásio hoje se aprende no Colégio, ou 2º grau, e o que hoje se aprende na faculdade antes aprendia-se no curso colegial.

- Qual foi o momento que marcou o começo da não propalada decadência do ensino?

- Foi a introdução do chamado ensino moderno, através da reforma de 1971. Aí o ensino começou a decair, e a decadência continuou.

- Que defeitos teve aquela reforma do ensino para dar tão errado?

- Não sei por quê, mas começou ali um processo de desinteresse tanto da parte do professor como do aluno. O professor perdeu autoridade na sala de aula, o aluno se desinteressou...

Retratos

Foz do Iguaçu



reprodução

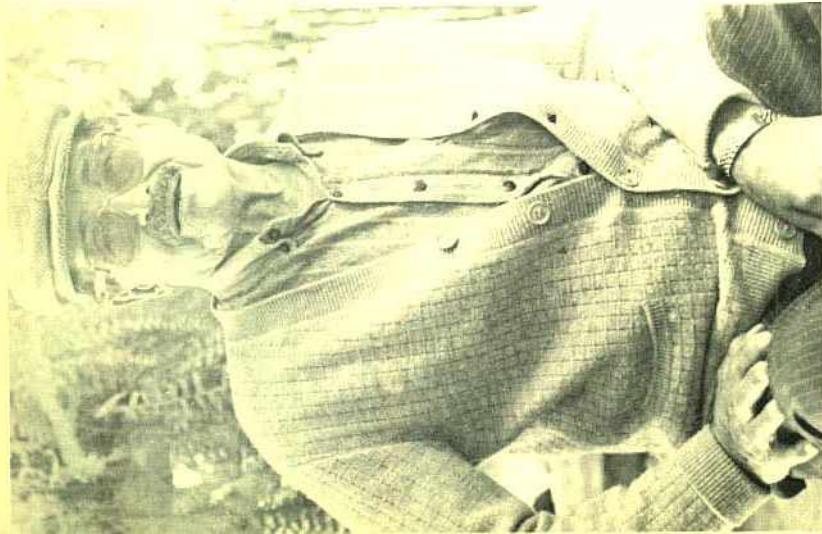
Banda da então Companhia Independente da Fronteira nos anos 30.



reprodução

Dona Rosa Cirilo de Castro (tomando chimarrão) com Carlos Sottomaior

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - Edição de 27/02/94)



Ermínio Mezomo

"Eu vim às cegas, incentivado por aquele que depois, viria a ser meu sogro, da família Brol."

Homem empreendedor, Ermínio Mezomo nasceu no município de Estrela, RS, mudou-se para Lajeado e, em 1936, numa autêntica aventura, migrou para Foz do Iguaçu. Pós-se a caminho sem ao menos ter uma idéia do que iria fazer na nova terra. Chegando, encarou a realidade, casou, teve nove filhos, trabalhou muito e, junto com os filhos, prosperou, como conta aqui. (Juvêncio Mazzarollo)

- Por que decidiu migrar do Rio Grande do Sul para o Paraná?

- Eu vim às cegas, incentivado por aquele que depois, viria a ser meu sogro, da família Brol. Casei com a filha dele quando já vivia em Foz do Iguaçu. O Brol veio para cá ver como era o lugar e estudar possibilidades de fazer a vida aqui. Voltou ao Rio Grande do Sul fazendo a maior propaganda do que viu. Uma coisa que o fascinou era a caça que havia nesta região. Comprou terra e se mudou para cá, e eu vim com ele, na aventura.

- Como era a cidade de Foz do Iguaçu quando aqui chegaram?

- Cidade? Que cidade? Havia meia dúzia de casas espalhadas por aí. Havia alguns comerciantes. A população era formada quase só por colonos, agricultores migrantes.

- O senhor começou a vida fazendo o que em Foz do Iguaçu?

- Trabalhando na roça. No começo eu não tinha terra, mas depois comprei. Comprava-se terra aqui a preço de banana. Comprei de Miguel Mate, um colonizador que trouxe muitos gaúchos e catarinenses para esta região.

- De que forma Foz do Iguaçu se abastecia de bens não produzidos aqui, como roupas, ferramentas, sal, açúcar, café?

- As cidades mais próximas, onde se podia comprar, eram Guarapuava e Ponta Grossa. Mas uma viagem até lá era um inferno de difícil e demorada, por isso comprávamos mais na Ar-

gentina. Nossa produção não tinha comercialização. Não havia a quem vender porco, galinha, ovos, frutas e hortaliças, porque todos produziam para seu próprio consumo. Certa vez eu plantei trigo e quem comprou a produção foi a Polícia Civil. Fiz o negócio com o prefeito, que era também uma espécie de delegado de polícia. Ele comprou para distribuir como semente entre agricultores de Santa Helena, que pertencia a Foz do Iguaçu. Os colonos de lá não tinham semente de trigo. O prefeito colocou o trigo para secar sobre laje de concreto. Eu avisei que assim iria estragar e não nasceria nada. Foi o que aconteceu aos colonos de Santa Helena.

- E a caça? O senhor, junto com os Brol, era exímio caçador, não?

- Sim, havia muita caça e pesca. Além de meio de sobrevivência, era nosso esporte. Também pegávamos cobras vivas para vender na Argentina. Havia lá um artesão que vivia de cobras e borboletas. Fazia arranjos com borboletas e curtia couro de cobras para vender aos turistas. Bicho era o que não faltava para caçar. Só de veados acho que matei uns dois ou três mil.

- Tem alguma história típica de caçador, alguma façanha para contar?

- Nunca contei vantagem. Mas fiz algumas bravuras, sim. Certa vez, eu e meu cunhado matamos dois tigres para vender a pele. E quem comprou foi o prefeito, cujo nome nem me lembro. Outra

vez passei o maior perigo com um tamanduá bandeira, aquele que quando consegue abraçar uma pessoa não larga e aperta até matar. Eu estava sozinho no mato. Os cachorros, que não latiam à toa, começaram a fazer o maior barulho. Fui ver. Só quando cheguei bem perto percebi que era um tamanduá. Dei quatro tiros nele, mas o bicho não caía, e começou a avançar contra mim. Tentei me defender batendo no focinho do animal com um pau, mas não conseguia. Puxei o facão e com alguns golpes acabei com ele. Por pouco não me pegou. Uma vez, um tamanduá agarrou um dos nossos cachorros pela cabeça. Matamos o tamanduá e, mesmo morto, não soltava o cachorro.

- Matavam animais para aproveitá-los de alguma forma ou por pura diversão?

- Só por diversão nunca eu matava bicho algum. Caçava para nosso consumo e para vender carne e pele de animais. Vendia muita caça, por exemplo, à Companhia Dolabela, que construía obras no Parque Nacional, como a Usina São João e o Hotel das Cataratas.

- Está falando daquele hotel que foi destruído por incêndio?

- Não. É esse mesmo que está aí hoje. Aquela de madeira, pelo que sei, não foi destruído pelo fogo acidental, como contam. Dizem que foram queimar vespas e o hotel pegou fogo, mas o que sei é que o incêndio foi proposital.

Havia gente interessada em construir outro hotel lá e que mandou botar fogo. Eram uns americanos que queriam comprar o hotel mas o dono não queria vender, por isso mandaram incendiá-lo.

- Até quando o senhor trabalhou na agricultura?

- Até 1954, quando então parti para o comércio. Montei um mercadinho logo que concluí o serviço militar. Fiquei no quartel 14 anos, durante a Segunda Guerra Mundial. Os estrangeiros que moravam aqui, especialmente italianos e alemães, foram mandados embora, mas muitos ficaram.

- No quartel preparavam-se para a eventualidade de terem que ir à Guerra?

- Sim, mas daqui ninguém foi. Três voluntários tentaram ir mas os americanos os mandaram de volta. Há alguns ex-combatentes da FEB morando hoje em Foz do Iguaçu, que vieram para cá depois da Guerra. Instalei uma pequena mercearia perto da entrada do Parque Nacional para vender aos que trabalhavam na construção da Usina São João. Vendia de tudo, inclusive carne de caça. Certa vez matei dois jacarés e abandonei no mato. Meus fregueses ralharam comigo porque queriam comer os jacarés.

- Depois mudou-se para a cidade e se instalou onde hoje está a Distribuidora de Bebidas Mezomo. Como foi isso?

- Comprei este terreno no bairro Boicy e aí instalei a mercearia. O negócio foi crescendo e passei a comprar mercadorias de viajantes. Em 1950 comecei a distribuir cerveja, trazida de Ponta Grossa por um cunhado meu, num Chevrolet ano 46. Eu comprava dele e revendia, circulando pela cidade com uma carroça puxada por um cavalo. Carregava até vinte caixas por vez. Na subida tinha que parar a cada cinco ou dez metros para o cavalo descansar. Não podia bater nele, senão

empacava e não saía mais do lugar.

- Mas já sem o cavalo e com o caminhãozinho, como continuaram os negócios de distribuição de cerveja? Qual era a marca que revendia?

- Revendia a cerveja Original, fabricada em Ponta Grossa pela Indústria Adriática, mais tarde comprada pela Antarctica, da qual continuamos representantes e revendedores em Foz do Iguaçu até hoje. Mas eu não vendia só cerveja. Vendia de tudo - colchão, roupa, papel higiênico, ferramentas, alimentos, inclusive "grasa" de gado vinda da Argentina e usada em lugar de banha de porco ou óleo. Vendia muito aos de trabalhadores da extração de madeira, toda levada à Argentina em jangadas pelo rio Paraná.

- Quando e por que deixou de vender toda essa variedade de produtos para se dedicar só à cerveja?

- Foi em 1978, quando meus filhos passaram a assumir o comando da empresa. Naquele ano fiz a partilha dos bens para os filhos. Os três filhos homens (Lyrio, Gilberto e Valdir) ficaram com a empresa, que batizavam de Distribuidora de Bebidas Mezomo Ltda., e as filhas ficaram com terrenos como herança.

Retratos Foz do Iguaçu



Reprodução

Juarez Távora ao lado do major Acylinho de Castro e dr. Cezar.



Reprodução

Instalação da antena da Rádio Cultura. Na foto estão Almyr Machado Nunes, Augusto Araújo e Campean

(Extrato da "Carteira do Iguaçu" - Edição de 10/06/93)



Ney de Souza

Estanislau Zambrozkycki

"Fui o primeiro correspondente de jornal em Foz do Iguaçu"

Filho de migrantes poloneses, Estanislau Zambrozkycki nasceu em Minas Gerais em 1917. Quando tinha cinco anos de idade, a família migrou para Ponta Grossa, Paraná. E quando tinha 33 anos, Estanislau buscou em Foz do Iguaçu a independência que queria para sua família. Aqui se estabeleceu para construir a história que conta aqui.

(Juvêncio Mazzarollo)

- Por que, aos 33 anos de idade, o senhor trocou Ponta Grossa por Foz do Iguaçu?

- Casei em 1944 com dona Verônica e ficamos morando na casa dos meus pais. Em 1945 nasceu nossa filha Linda e em 1949 o filho Lindomar. Meus pais tinham um pequeno comércio em Ponta Grossa, mas as vendas não iam bem. Já com dois filhos, sentimos a necessidade de independência, de construir nossa vida e família por própria conta. Um amigo sugeriu: "Por que não vai a Foz do Iguaçu?"

- E vieram. Alfredo Brol lhe deu o emprego prometido?

- Sim. Mas trabalhei com ele pouco tempo. Certo dia, saí para o trabalho e a mulher me chamou de volta para pedir: "Deixa de ser empregado. Vamos montar nosso próprio negócio". Dito e feito. Alugamos uma casa velha no bairro Boicy, o centro comercial da época, e montamos uma mercearia. Eu não ficava só na loja esperando clientes. Saía à rua oferecer produtos num carrinho de mão. Em três anos construímos nossa própria loja, que batizamos de Casa Mineira.

- Vendia bem? Ganhava muito dinheiro?

- Vendia muito. Nossos clientes principais eram os hotéis Cassino e Três Fronteiras, os funcionários do Banco do Brasil, que diziam: "Antes tínhamos dinheiro mas não havia mercadorias". Nossa loja vendia de tudo.

- O senhor fazia propaganda? De que forma?

- Acho que fui o primeiro empresário de Foz do Iguaçu a fazer propaganda comercial. Em 1956 comprei equipamento de alto-falantes, o primeiro da cidade, para fazer propaganda da loja. "Casa Mineira, a mais barateira" era o lema. O aparelho operava com bateria. Depois passei a usar os alto-falantes em festas, principalmente festas juninas, comícios políticos... Cheguei a ir até Guaíra com os alto-falantes para animar um comício.

- Mais tarde o senhor deixou o comércio e passou ao ramo imobiliário. Quando e como isso se deu?

- Fiquei no comércio até 1967, quando comecei a vender parte dos meus terrenos e com o dinheiro construir casas para alugar. Desde então vivo do aluguel de várias casas no bairro Boicy, onde moro até hoje.

- Na política o senhor só animava comícios ou também se envolveu pessoalmente? Chegou a ser candidato?

- Tive um envolvimento passageiro com política, porém com entusiasmo. Foi no início da década de 50. O ex-prefeito Júlio Pasa, um grande político que tivemos em Foz do Iguaçu, me convidou a entrar na UD.N. Aceitei e logo quiseram que fosse candidato a vereador. Também aceitei. Resultado: fiz apenas um voto!

- O seu?

- Não, nem foi o meu porque não pude votar por não ter transferido o

título de eleitor de Ponta Grossa para cá.

- Depois dessa, desistiu da política?

- Não desisti, apenas nunca mais fui candidato. Tive, por exemplo, grande empenho na campanha pela primeira eleição de Ney Braga governador. Ney Braga veio a Foz do Iguaçu e se hospedou no Hotel Casino. Saiu do hotel e a pé veio à minha loja me convidar a ajudar na fundação do PDC na cidade. Entrei no PDC, onde militavam Evandro Teixeira, Álvaro Albuquerque, José Leopoldino Neto, entre outros. Na eleição de Ney Braga vencemos em Foz e Cascavel.

- Como eram as campanhas eleitorais, os comícios, as disputas entre candidatos e partidos?

- As campanhas eram pacíficas, sem violência, mas não havia moleza não. Na campanha de Ney Braga eu entrei com tudo. Levei meus alto-falantes a todos os comícios da região. Antes os comícios eram feitos só em recintos fechados para evitar quebra-quebra. Quem fez o primeiro comício ao lar livre em Foz do Iguaçu fomos nós, na campanha de Ney Braga.

- Deu tudo certo?

- O comício foi à noite. Como tínhamos, mal o comício iniciou e os adversários desligaram o gerador de eletricidade, mas nós estávamos prevenidos. Acendemos os faróis dos carros e ligamos meu serviço de alto-falantes na bateria de um caminhão que servia de palco. Ney Braga prometeu resolver o problema de energia elétrica em Foz do Iguaçu e de fato resolveu. Aqui, 80% dos votos foram para ele. Eu era correspondente do jornal "O Estado do Paraná" e fiz a notícia

chegar a Curitiba em primeira mão.

- O senhor foi correspondente do "Estado"? O que fazia como tal?

- Fui o primeiro correspondente de jornal em Foz do Iguaçu. Fiz isso durante cinco anos. Escrevia nas horas vagas e só mandava matérias quando havia fatos importantes, sem ganhar nada. Mandava as matérias pelo Correio. Assinava as matérias com o pseudônimo "Stanley".

- Política, nunca mais?

- Abandonei a política quando o governo militar extinguiu os partidos em 1965. Daí para frente continuei participando na sociedade de outras maneiras.

- Que outras atuações teve na comunidade? Ocupou algum cargo, dirigiu alguma entidade?

- Eu fui também provedor da Santa Casa Monsenhor Guilherme no biênio 1959/1960. Mas fui mal entendido e me aborreci bastante.

- O que foi que houve?

- Fui convidado pelo dr. Dirceu Lopes para ser o provedor, mas só aceitei ser vice dele, que logo renunciou e eu tive que assumir. A situação da Santa Casa era precária, faltavam médicos, remédios, recursos...

- Só não faltavam doentes...

- Só não faltavam doentes... Resolvemos então trazer de Curitiba as irmãs de Caridade para assumir a Santa Casa. Elas aceitaram vir com a condição de que tivessem aqui uma clausura de acordo com as exigências da sua congregação. Construímos a clausura ao lado

da Santa Casa. Mesmo sem dinheiro tocamos a obra. Eu tirava dinheiro do meu bolso para pagar dívidas, esperando um dia receber de volta. Vieram as freiras e dois médicos. Estes tiveram que se conformar em se hospedar na enfermaria. No ano seguinte, quando da substituição da diretoria, tive o grande aborrecimento.

- O que lhe aprontaram?

- Como provedor que seria substituído, eu tinha que fazer a entrega dos documentos e a prestação de contas. No dia seguinte à eleição, fui à Santa Casa fazer a entrega ao meu substituto. Encontrei todas as gavetas e documentos revirados. Tinham tomado conta de tudo e brigado com o diretor clínico. Aborrecido, fui embora, decidido a nunca mais pôr os pés lá.

- Devolveram-lhe ao menos o dinheiro que havia tirado do próprio bolso para a construção da clausura?

- Dias depois vieram à minha casa perguntar se a Santa Casa tinha dívidas. Respondi que tinha, mas que eu tinha quitado todas com o meu dinheiro, e mostrei comprovantes. Não reconheceram as contas e eu arqueei com o prejuízo, que não foi pequeno. Foi um baque nas minhas economias. Mas não me arrependi porque foi um dinheiro muito bem empregado.

- O senhor teve participação também na Igreja, na vida religiosa da cidade?

- Como católico, participei sempre. A gente se dava bem com Deus e todo mundo na cidade. Fomos padrinhos de casamento, batismo e crisma de dezenas de pessoas. Sou também um dos fundadores da igreja

Perpétuo Socorro, da Vila Yolanda. Sempre ajudava nas festas da igreja, tanto na matriz quanto nas capelas do interior. Sempre estava lá com meu serviço de alto-falantes. Meu serviço de alto-falantes ficou famoso em festas de igrejas e escolas, principalmente festas juninas, cantando a pedras do bingo... Fiz isso durante 20 anos.

- Nos bingos ficou a marca do seu inconfundível "trrrriinta e trreis" ...

- É verdade. Mas nunca esqueço do primeiro convite que padre Bernardo me fez para animar a festa da Igreja São João Batista. Eu tinha medo de não dar conta do recado e não queria aceitar. Mas o padre insistiu dizendo que se ajudássemos a igreja com o que fosse possível seríamos muito felizes e que a recompensa que receberíamos não seria em dinheiro, mas Deus nos daria saúde, muitas alegrias em nossas vidas, muita felicidade e mesmo dinheiro.

- Com tanta promessa não havia como recusar...

- Acabei aceitando e, desde então, durante 20 anos estive lá eu com meus alto-falantes nas festas do padroeiro da cidade.

- O senhor também foi desportista?

- Como não? Fui inclusive presidente do Iguaçu Esporte Clube, que foi campeão na minha gestão.



Etelvino Salvatti

"Uma pessoa passou em Cacique Doble e falou que em Cascavel havia grandes pinheirais. Vimos, gostamos e decidimos mudar"

A migração italiana no século passado trouxe para o Rio Grande do Sul a família Salvatti, que em 1958 migrou para Cascavel, Paraná e de lá para Foz do Iguaçu, onde, no final de 60 fizeram a "louscura" de iniciar a construção de um prédio de 16 andares, numa época em que muitos moradores da cidade sequer haviam visto algo parecido. Etelvino Salvatti, nascido em 1921, fala desta história.

(Juvêncio Mazzarollo)

- Quando e porque se mudou para Foz do Iguaçu?
- Meus irmãos cortavam a madeira em Cascavel e eu toda semana buscava uma carga com o caminhão. Trazia para Foz do Iguaçu e preparava para a exportação. Eu ficava mais em Foz do que em Cascavel, então, em 1962, trouxe a família e passei a morar aqui.
- Foi a época de verdadeira devastação da madeira da região, especialmente do pinho. Não havia restrições à extração da madeira?
- O governo só exigia que para cada pinheiro cortado se plantasse outros três. Pouca gente obedecia. Nós obedecemos - plantamos um milhão e cem mil pinheiros, que hoje já estão sendo cortados por duas fitas. Vão levar trinta anos para cortar todos aqueles pinheiros. Aquilo ficou com nosso sócios. Houve um momento em que éramos muitos sócios, então dividimos o patrimônio. Eles ficaram com a terra e os pinheiros, e nós ficamos com o prédio do Hotel Salvatti. Fizemos essa partilha de bens há três anos.
- Como surgiu a ideia de construir um hotel em Foz do Iguaçu, ainda mais com a imponente do Hotel Salvatti, numa época em que o movimento turístico ainda era fraco?
- Começou a sobrar dinheiro da exportação de madeira. Íamos aos hotéis da cidade era tudo caro. Estavam sempre lotados e cobravam o que queriam. Havia os hotéis Cassino Iguaçu, das Cataratas, Basso e um ou outro do tipo hospedaria. Ouvíamos sugestões de que seria

um bom negócio construir um hotel. Já havia a Ponte da Amizade, a estrada das Cataratas estava calçada com pedras, enfim havia sinais de que o movimento turístico iria crescer. Começamos então a pensar na construção do hotel, mas desde o início a ideia era construir um edifício. Seria o primeiro grande prédio de Foz do Iguaçu.

- Já eram donos do terreno onde ergueram o edifício?

- Não. Aqui havia só umas casinhas. A avenida Brasil era uma buraqueira. Só de Jeep se podia andar. Aqui onde está o Hotel Salvatti havia uma loja feita de pedra. Um dia fui comprar um terninho e perguntei ao dono se queria vender a propriedade. Ele aceitou vender.

- Em que ano começaram a construção e em que ano inauguraram o Hotel?

- Começamos em 1968 e terminamos em 1974. Mas já em 1970 inauguramos o cinema, o Cine Iguaçu, que depois passou a se chamar Cine Iguaçu, que depois passou a se chamar Cine Salvatti. O Hotel foi projetado para ser de categoria quatro estrelas. Até surgiram os hotéis cinco estrelas, o nosso era o melhor da cidade.

- Que comentários havia na cidade que assistia à construção de um prédio desta envergadura?

- Chamavam-nos de loucos. Diziam: "Por que não construíam em Curitiba ou Porto Alegre?" Achavam que estávamos gastando

dinheiro à toa. Nós dizíamos que não estávamos fazendo a construção para nós, e sim para nossos filhos. Antes de construir fizemos umas pesquisas, procuramos nos informar sobre a viabilidade do empreendimento. Pesquisamos em Porto Alegre, Curitiba, Cascavel e Foz do Iguaçu. A maioria das pessoas que consultamos dizia que Foz do Iguaçu não comportava este monumento - chamavam o projeto de "monumento". Nós pensamos assim: "Bem, se Foz do Iguaçu ainda não começou, vamos nós começar, construindo um prédio, e depois outros virão".

- Os Salvatti não deram ouvido aos pessimistas, arregaçaram as mangas e puseram a mão na massa, literalmente...
- Sim. Não tínhamos o pai, falecido quando éramos crianças. Minha mãe sempre dizia: "Se vocês querem ter alguma coisa na vida, têm que trabalhar".

- O cinema, quando abriu, fez o maior sucesso?

- Foi um sucesso. E era um negócio muito melhor do que hoje. Havia antes o Cine Star, da família Basso. Quando fomos construir o nosso cinema procuramos Vitorio Basso para comprar dele o Cine Star, porque achávamos muito dois cinemas numa cidade pequena como era Foz do Iguaçu. Ele aceitou vender e nós compramos. A ideia inicial era fechá-lo, mas o mantivemos aberto até fins da década de 70. O Star tinha uns 70 lugares, e o Iguaçu 1.200, mas os dois rendiam praticamente a mesma coisa, porque o Star era muito frequentado pela população mais humilde e exibia filmes populares. O Cine Iguaçu, ou Cine Salvatti, começou a ficar

lotado de público quando começou a construção de Itaipu.

- Poderia citar algum ou alguns filmes de maior sucesso entre os exibidos no Cine Salvatti?

- Houve vários, mas acho que o que atraiu mais público foi um sobre a vida e a morte de Jesus. Foi exibido de tudo, inclusive filmes pornográficos, o que foi um desagrado para nossa família.

- Qual a média de público no cinema, hoje?

- É de 30 a 40 pessoas por dia, ou cerca de mil por mês. Há meses em que dá prejuízo. O aluguel de filmes é muito caro. O aluguel de grandes filmes chega a custar mais de um milhão de cruzeiros para exibição em quatro sessões. Alugar filme barato rende mais.

- Qual é o gênero de filme que mais atrai público?

- Ainda é o filme faroeste.

- Mas além de cuidar de seus negócios e empreendimentos, o senhor também acompanhou a vida da cidade. Poderia contar algo, lembrar algum fato ou circunstância interessante?

- Só para ver como era a política aqui: Havia a avenida Brasil, duas pistas e duas mãos, com canteiro e postes no meio. Cada prefeito que entrava na Prefeitura desmanchava o canteiro que o antecessor havia feito. E um fato engraçado: quando Ozires Santos se elegeu prefeito, em 1962, comemorou a vitória com uma caminhada pelas ruas da cidade. Ao passar em frente ao nosso escri-

tório, eu saí à rua para dar um abraço no prefeito que ajudei a eleger com meu voto.

- Mas os Salvatti nunca se envolveram em política?

- Não. Só meu irmão Armando foi vereador no Rio Grande do Sul, em Cacique Doble, numa época em que vereador não recebia salário. A Prefeitura tinha só um trator. Quando precisava ser transportado de um lado para outro, a Prefeitura sempre pedia que eu fosse com meu caminhão e eu ia, só que nunca era pago para isso.

- Voltando ao Hotel Salvatti: quando o abriram, o movimento que passou a ter dava razão aos que desaconselhavam sua construção ou a quem acreditou e construiu?

- Deu razão a nós que o construímos. O hotel ia bem. Começamos a trazer turistas de Porto Alegre, São Paulo, Curitiba. Não ficamos esperando que os turistas viessem. Nós fomos buscá-los através de agências de viagens.

- O Hotel Salvatti, então, foi um fator importante de impulso ao turismo de Foz do Iguaçu?

- Muito importante mesmo. E quando da construção de Itaipu, o Hotel viveu sua fase áurea. Logo que começou Itaipu, toda a comitiva de diretores se hospedou aqui, inclusive o diretor geral Costa Cavalcanti. Ele tinha uma suíte reservada.

Retratos Foz do Iguaçu



Reprodução

Reunião de políticos locais: Sadi Vidal, Dr. Dirceu Lopes, Flávio Marder, Francisco Guaraná de Menezes e Capitão Jacob Beck



Reprodução

Grupo de iguaçuenses em visita às Cataratas. Entre eles: Otília Schimmelpfeng, Rosa Cirilo de Castro e Dr. Dirceu.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - Edição de 14/04/94)



Eugênio Venson

"Só fazia móveis para particulares. Eu fazia muita mesa. O que mais fazia era mesa, parecia que ninguém tinha mesa em casa."

Nascido em 09 de setembro de 1913, Eugênio Venson veio pela primeira vez, a Foz do Iguaçu no início de 1939, visitar o sogro (pai da mulher Moraci) que já morava na cidade. Mas o dinheiro acabou e o casal Venson ficou na cidade, com apenas algumas roupas e um emprego na olaria, responsável pela construção do Hotel das Cataratas. (Mônica Venson).

- Como era o trabalho na olaria naquela época?

- Era uma olaria muito simples. Tinha 15, 16 pessoas trabalhando numa máquina comum de fazer tijolos. Eu e Moraci morávamos no Bananal (região dentro do Parque Nacional, hoje conhecida como trilha do bananal), numa casinha de barro, onde ficava o alojamento para os funcionários da olaria. Peguei malária duas vezes enquanto trabalhava na olaria.

- Quanto tempo ficou trabalhando?

- Fiquei uns oito meses trabalhando, até que veio a guerra e a olaria fechou. Começaram a mandar todo mundo embora. Aí a Moraci não quis mais saber, ela não tinha documento nenhum e aqui não tinha como ficar. Nós saímos daqui da fronteira num caminhão de carga, só com uma mala de roupas, junto com as famílias de alemães e italianos que foram levados para Guarapuava. Levamos um mês para chegar em Concórdia.

- Como foi a viagem?

- Quando chegamos em Cascavel pegamos chuva e ficamos três dias parados. Éramos 16 famílias que estavam indo embora de Foz. Ficamos lá porque não tinha como comprar gasolina, por causa da guerra. Com a chuva tinha perigo de atolar e se atolasse a gente ficava sem gasolina e não tinha como andar mais. Dormimos no acampamento da Mate Laranjeira (exportadora de erva mate). Nosso ponto final, era em Laranjeiras. Quem estava só de mudança tinha que ficar e seguir viagem

de ônibus, não podia ir para Guarapuava no caminhão. Fomos parados pela Polícia e tivemos que ir para Ponta Grossa tirar os documentos da Moraci. Só conseguimos porque ela tinha um conhecido que era militar. Ele arrumou os papéis para a gente.

- Quanto tempo ficou em Concórdia?

- Dez anos. Em 1951 eu voltei para Foz junto com toda a família. Já tinha 5 filhos. Eu tinha uma sociedade numa olaria em Concórdia e não deu certo, aí vendi tudo e voltei para Foz, ver se as coisas melhoravam.

- Quando voltou, veio trabalhar com o quê?

- Como marceneiro. Montei uma marcenaria. Na época tinha serviço. Fiquei oito anos com a marcenaria no prédio do Favassa (esquina da Av. Brasil com a Quintino Bocaiuva). Só em 58 montei a marcenaria onde moro até hoje (Avenida Brasil).

- O Senhor foi o primeiro marceneiro aqui em Foz?

- Acho que sim, não lembro bem.

- Que tipo de móveis o senhor fazia ?

- Fazia guarda-roupa para um, cama para outro. Naquela época não havia nenhum comércio. Só fazia móveis para particulares. Eu fazia muita cama e mesa. O que mais fazia era mesa, parecia que ninguém tinha mesa em casa. Cadeira também o pessoal pedia

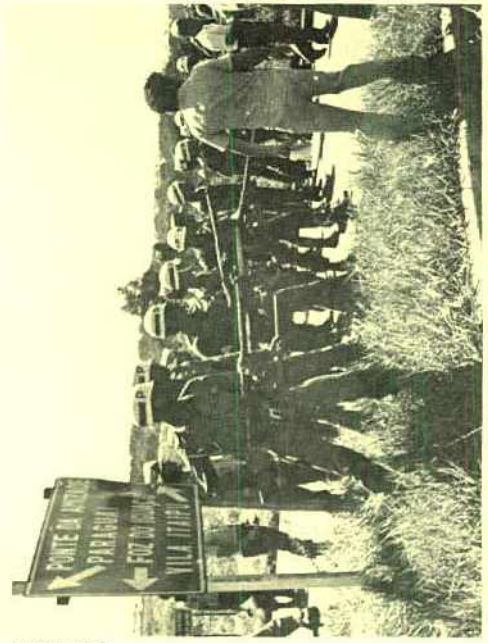
Retratos

Foz do Iguaçu



Joel Petroski

O então presidente da Itaipu Binacional, Costa Cavalcanti, mostra o complexo da usina ao presidente do Brasil, João Batista de Figueiredo, acompanhado do diretor paraquai da binacional, Enzo Debernadi, em setembro de 82.



Joel Petroski

Pelotão do Exército reprime manifestação de colonos que tiveram terras alagadas pelo reservatório da usina de Itaipu em março de 81

- Como o senhor fazia então?

- Nessa época o que eu fazia muito era prateleira para os árabes, tinha a família dos Barakat. Também fazia serviço particular que não precisava ocupar a máquina. Não dava mais para fazer móveis grandes ou em quantidade maior. Era mais serviço bruto.

- Era fácil conseguir madeira, era barato?

- Barato não era, mas tinha muita madeira de pinho. Havia as madeiras na barranca do rio Paraná. Era só buscar de carroça e eles vendiam a quantia que a gente queria. Antes de vir para a Av. Brasil comprei diversas caminhonadas de Laranjeiras, mas o frete era mais caro que a tábu. Ainda assim custava mais barato que comprar das madeiras daqui de Foz.

- Até quando o senhor ficou com a marcenaria?

- Trabalhei até me acidentar. Fiquei com um problema na coluna e me aposentei. Não podia mais trabalhar. Isso foi em 1970. Nessa época também não fazia mais móveis, só fazia serviço bruto.

(Entrevista inédita, maio - 1997)

muito.

- Os Argentinos também pediam muito para fazer móveis?

- Eu fiz muita cadeira para os argentinos. As últimas cem que fiz foram para o Hotel das Cataratas do lado argentino.

- E os paraguaios, faziam muitos pedidos?

- Não havia quase ninguém no Paraguai. O que fazia mais era armários (guarda-comida). Com 50 centímetros no máximo. Mas não era muita coisa não.

- Depois que o senhor montou a marcenaria na Av. Brasil, como era o trabalho?

- Em 58 eu vim para cá, mas deixei de trabalhar logo. Não tinha luz. Primeiro vinha a energia da usina do Parque (Usina São João). Quando terminou a construção do Hotel das Cataratas terminou a luz também, para a cidade. Aí botaram uma locomotiva "daquelas do tempo da onça", que tinha que pôr lenha para funcionar. Nessa época não dava para trabalhar. Tive que mandar embora o único empregado que eu tinha.



Filho de pais vindos da Argentina para viver da extração de madeira no Brasil, Eugenio Victor Villordo nasceu em Foz do Iguaçu em 1918. Trata-se de uma família que ilustra com clareza um aspecto importante da formação deste município, da ocupação, exploração e colonização da fronteira do Brasil com o Paraguai e a Argentina, como se vê no seu relato.

(Juvêncio Mazzarollo)

Eugenio Victor Villordo

"Viajavam também duas ou três jangadas de toras atadas uma na outra e puxadas pelo mesmo rebocador. Cada jangada levava duzentas ou mais toras rio abaixo."

- O que ou quem fez com que seus pais viessem da Argentina para o Brasil?

- Um primo meu que exportava madeira do Brasil para a Argentina convidou meu pai a vir para cá. Carregava madeira no Porto Sete de Setembro, abaixo de Santa Helena e Sol de Maio. Meu pai veio. Cortavam a madeira no mato e transportavam as toras em carroça puxada por oito mulas. As toras eram jogadas no rio Paraná, amarradas umas nas outras formando uma jangada.

- As toras viajavam rio abaixo levadas pela correnteza ou eram puxadas por barco rebocador?

- Um pequeno barco rebocador era usado para evitar que a jangada fosse de encontro às margens do rio e encalhasse.

- Havia algum controle do governo brasileiro sobre essa exportação de madeira?

- Havia, sim. Quando passavam por Foz do Iguaçu, as jangadas eram paradas pelo controle aduaneiro. Creio que cobrava alguma taxa de exportação, mas não sei qual era.

- Quantas toras iam em cada uma das jangadas?

- Levavam até duzentas ou mais. Viajavam também duas ou três jangadas atadas uma na outra e puxadas pelo mesmo rebocador. Toras mais pesadas, que podiam afundar, eram colocadas sobre as outras que formavam a jangada. E sobre elas podia viajar gente. Faziam até

barraquinha sobre as toras.

- E esse negócio fez seu pai deixar a Argentina e se fixar em Foz do Iguaçu?

- Sim. Veio com dois meninos. Depois nascemos eu e minha irmã, já aqui em Foz do Iguaçu. Mas tivemos também uma irmã que morreu ainda bebê e um menino que morreu queimado.

- Bem, mas continuando na questão familiar, o senhor constituiu família? Casou, teve quantos filhos?

- Eu não casei, mas me amigui e tenho dois filhos, que estão em Curitiba. A mulher morreu em 1974. Depois encontrei outra companheira, que está comigo até hoje.

- Como foi sua infância em Foz do Iguaçu, na década de 20?

- Ah, nossas brincadeiras eram com bola, bolita de gude, soltar papagaio com os garotos vizinhos. Não havia o que fazer aqui.

- Nem estudar?

- Não havia escola. Apreendi a ler e escrever na Argentina. Um tio que morava em Posadas me levou para lá e fiz o curso primário. Posadas era uma cidadezinha maior e melhor que Foz do Iguaçu nesse tempo, lá por 1928/29. Meu tio tinha uma empresa de ônibus e eu o ajudava. Eu gostava de mecânica e trabalhava com ele. Os ônibus iam de Posadas a Oberá, passavam pelas ruínas jesuíticas de San Ignacio. Voltei a Foz

do Iguaçu já com 17 anos.

- Seu pai ainda trabalhava com madeira?

- Sim. E já tinha comprado terra, inclusive uma área onde hoje está a Vila "A" de Itaipu.

- Ele ganhou muito dinheiro com madeira?

- Ganhou, mas também gastou muito, à toa.

- De quem eram, afinal, as terras e a madeira em que seu pai trabalhava?

- Eram do meu primo, que tinha uma licença para tirar a madeira. Não sei como funcionava isso, quem dava licença, de quem eram as terras. Mas eles tinham suas casinhas e viviam no mato.

- Ocorriam lutas, disputas, brigas entre os que extraíam madeira ou entre quem se dizia dono das terras?

- Não. Aconteciam algumas encrencas, por exemplo, quando saía pagamento e os peões iam aos bailecos. Aí dava briga, facada... Aqui também a gente ia aos bailes com uma lanterna numa mão e o revólver na outra.

- Voltando de Posadas, o que o senhor se pôs a fazer em Foz do Iguaçu?

- Meu primo da Argentina queria me levar a Buenos Aires para cursar engenharia mecânica. Ele pagaria tudo. Mas um tenente do Exército que vinha muito em nossa casa sugeriu que antes de ir a Buenos Aires eu fizesse o serviço militar, para não ter que voltar e interromper os estudos.

- Acabou ficando no quartel, perdendo a oportunidade de cursar engenharia mecânica.

- Pois é. Entrei no quartel em 1936 e acabei ficando 25 anos. Chamava-se Companhia Independente de Fronteira e estava instalada perto da Marinha. Quando chovia o alojamento ficava alagado. Mas enfim desapropriaram a área onde o quartel está hoje. Essa área era do Fulgêncio Pereira. A transferência do quartel aconteceu por volta de 1938/39. Aí onde está o campo de futebol e o pavilhão de entrada era tudo banhado.

- Como era sua vida no quartel? O que fazia? Tinha alguma especialidade?

- Eu tinha aprendido mecânica com meu tio que tinha empresa de ônibus na Argentina, mas o quartel ainda não tinha carro. Não lembro bem se foi em 1938 ou 1939 que o Exército deu um Fordco 29 ao comandante. Como eu era motorista e mecânico, fui mandado a Curitiba buscar o carro. Fui com o aviãozinho do Correio Aéreo Nacional.

- Sua chegada a Foz do Iguaçu de carro deve ter sido triunfal...

- Ah, um sucesso, embora já houvesse um ou outro carro. O Harry Schinke tinha carro, o Marcelino Ríden tinha um caminhãozinho. Mas naquele ano, 1939, estourou a Segunda Guerra Mundial.

- Sim, e isso mudou alguma coisa na vida do quartel?

- Praticamente nada mudou. Fazíamos inspeção de saúde para ir à guerra...

- E os soldados ficavam sempre de orelha em pé, porque a qualquer hora podiam ser convocados para a guerra.

- Isso mesmo. Mas daqui não foi ninguém. Ou só foi um, que trabalhou no quartel da-

qui e já havia sido transferido para o Rio Grande do Sul.

- O senhor tinha medo de ser chamado para a guerra?

- Não, não...

- É verdade que, por causa da Segunda Guerra, os treinamentos no quartel passaram a ser mais pesados?

- Sim. Os exercícios ficaram dobrados, mais difíceis, mais pesados.

- Eram informados sobre o andamento da guerra?

- Éramos informados por rádio e sabíamos como andavam as coisas nos campos de batalha na Europa. Quando o primeiro contingente da FEB embarcou para a Europa, em 1942, nós aqui recebemos um caminhão Chevrolet.

- O senhor ia fazer o serviço militar para então ir a Buenos Aires estudar. Por que isso acabou não acontecendo?

- Estava chegando a hora de dar baixa do quartel. Mas havia morrido Fulgêncio Pereira e seu filho Moacir estava no quartel e era muito amigo meu. Ele disse que se eu saísse do quartel ele também sairia. Mas aqui não havia emprego. Eu tinha um destino, mas ele, se deixasse o quartel, não teria com o que se virar na vida. Então eu resolvi ficar mais um tempo no quartel. Já era cabo. Depois fiz curso de sargento e fui ficando. Só sai com 25 anos de quartel, como sub-tenente, em 1962. Os últimos anos de quartel passei em Ponta Grossa.

- Esteve no quartel junto com Dionísio

Campana, que também passou 25 anos no Exército e se aposentou em 1964...

- Sim. Quando ele entrou foi meu subordinado. Fui instrutor dele.

- Militar se aposentava com 25 anos de serviço?

- Sim. Eu ainda peguei esse tempo. Hoje os militares se aposentam com 30 anos de serviço.

- O que mais teria para contar de sua vida no quartel?

- Como eu entendia de mecânica, tudo quanto fosse motor ou máquina caía na minha mão. Foi assim com os carros e caminhões. Foi assim também com o motor que instalaram para gerar energia elétrica para o quartel. Depois o batalhão adquiriu um projetor de cinema e quem ficou encarregado de operar a máquina fui eu, de novo.

Mais tarde, aí por 1952, os Basso abriram cinema, então o quartel fornecia os filmes e aos sábados os soldados tinham sessão especial para eles. O quartel também comprou um barco rebocador para buscar em Porto Mendes mercadorias que vinham de Porto Epitácio, e eu fiquei encarregado de operá-lo. Era um barco a vapor. Queimava lenha, muita lenha. Foi comprado na Argentina. De Porto Mendes a Foz do Iguaçu levava cinco horas, mas para subir levava um dia.



Fausto "Toto" Palma

"Após o cinema, várias famílias foram ao assalto. Tocamos até o dia amanhecer. Naquele tempo havia muito interesse cultura"

Fausto Palma, "Toto", nasceu em Entre Rios, Argentina, em 1906, migrou para o Brasil em 1914, perambulou pelo Brasil com o circo da família até chegar a Foz do Iguaçu, em 1928. Nasceu e viveu dentro do circo. Casou com Lídia e com ela teve 11 filhos, que lhe deram 22 netos. Toto Palma morreu em 1993, mas antes, em 1991, deixou registrada sua história, como segue.
(Juvêncio Mazzarollo)

- Já que nasceu dentro de um circo, sua história bem pode começar pelo circo, não?

- Pois não. Nasci e me criei dentro do circo da família. Chamava-se Circo Palma. No auge do sucesso chegou a ter 120 figurantes. Surgiu na Argentina, mas em 1914, quando eu tinha oito anos, mudamos para o Brasil, começando pelo Rio Grande do Sul, na região de São Borja. Depois andamos pelo Brasil. Fomos com o Circo Palma até Cuiabá. Também entramos no Paraguai, pela região de Ponta Porã.

- A lista dos artistas do Circo Palma começava com a própria família?

- Sim. Meu pai, João Palma, fazia o papel de palhaço. Era o palhaço Upa-lá-lá, e contracenava com meu tio, o palhaço Pirulito. Os dois formavam uma bela dupla. E eu fazia um pouco de tudo também, mas meu papel principal era o salto da morte. O Circo era um sucesso total. Meu pai ganhou muito dinheiro com ele.

- Lembra de algum fato que o marcou nas andanças que fez dentro do Circo?

- Certa ocasião, lá por 1919, descíamos de Cuiabá com o circo num barco a vapor rumo ao sul, mas enfrentamos uma grande enchente e tivemos que parar a viagem durante 15 dias. Não sei que lugar era aquele, mas lembro que os moradores todos haviam ido embora ou morrido devido a uma epidemia de cólera. As moradias e fazendas estavam abandonadas e meu pai saía a matar gado com uma espingarda

Winchester para a família e o pessoal do Circo comer.

- Que fim teve o Circo Palma?

- Estávamos com ele em Ponta Porã, onde ficamos praticamente encalhados durante meses, por causa de uma enchente que não parava, impossibilitando nosso trabalho e o deslocamento do Circo. Os artistas ganhavam salário mensal. Chegou um momento em que meu pai tinha que pagar salário sem que houvesse apresentações do Circo, portanto sem que houvesse receita. Então meu pai resolveu vender e comprou um hotel em Ponta Porã. Tudo ia muito bem, até que, em 1924 ou 1925, passaram por lá os revolucionários da Coluna Prestes e invadiram o hotel. Saquearam o hotel e quebraram tudo. Quebraram espelhos a tiros, por divertimento. Arrombaram o cofre e levaram todo o dinheiro.

- Que saída encontrou seu pai, então?

- Levou a família para o Paraguai e montou outro circo. Mas no Paraguai havia poucos povoados, pouca gente, e o circo não rendia, então meu pai resolveu entrar com ele no Brasil, começando por Guaíra. Mas aí chegou o cinema mudo e meu pai resolveu desativar o circo para trabalhar com cinema. E nós, os filhos, começamos a procurar outros meios de vida.

- Foi quando o senhor acabou batendo em Foz do Iguaçu?

- Sim. Eu fiquei junto com meu pai no negócio do cinema mudo. Em 1928 viemos a Foz do Iguaçu para exibir um filme. Embarcamos com

o equipamento de projeção num barco a vapor. A viagem durou doze horas. Chegando no Porto Oficial, eu fiquei no barco cuidando os equipamentos, e meu pai foi à procura de uma carroça para transportá-los até o local de projeção.

- Pois é, onde o filme seria projetado?

- O chefe da Mesa de Rendas, Inácio Ramos, tinha uma salão com 200 cadeiras e nos emprestou de graça. Lá nos instalamos e começamos a propaganda do filme. Chegamos numa sexta-feira, e a primeira exibição seria no sábado.

- Que filme era?

- Chamava-se "O Laço do Tigre". Tinha 30 capítulos - uma espécie de novela. A exibição da série toda levava cerca de três meses, com três sessões por semana (às quintas-feiras, sábados e domingos). As sessões começavam às oito horas da noite e terminavam por volta da meia noite. Meu pai tocava o filme inteiro a manivela porque não havia energia elétrica adequada para tocar aquele projetor. A eletricidade que havia em Foz do Iguaçu era gerada por motor a diesel e só servia para acender lâmpadas. Durante as sessões eram necessários vários intervalos para a troca de rolos. Nos intervalos eu acendia as luzes e a platéia conversava animadamente, comentando o filme. O filme era preto e branco e mudo, mas com legendas em português.

- Certamente, a população da cidade ia em peso assistir ao filme?

- Sim. O salão lotava todas as noites. As 200 cadeiras não eram suficientes. Tivemos que colocar mais alguns bancos no salão. Lembro

que o Inácio Ramos, que emprestou o salão, tinha quatro filhos e as iniciais dos nomes deles resultavam na palavra AMOR (Airton, Milton, Odison e Reni). Eu ficava lá na frente enquanto o pessoal entrava no cinema. Anotava o nome dos que entravam em cadernos. O Odison, apelidado de Dotinho, conhecia todo mundo e ditava os nomes para mim. Dizia: "Olha, aquela é a família Schimmelpfeng. Eles são aristocratas. O Schimmelpfeng é o chefe político daqui". Lembro que entre os fregueses do cinema estavam as famílias Samways, Ferreira, Sottomaior, Batista, Rodinski, Werner, Chevalier, Schinke, Klein... Um belo dia, no final da sessão, o Dotinho me disse: "Olha, depois do filme temos um assalto".

- Assalto?

- Tratava-se de uma festa de surpresa na casa da família Apolinário, onde havia um aniversário. Após o cinema, várias famílias foram ao "assalto", cada uma levando algo para comer ou beber. Na festa havia uma orquestra, a orquestra dos Samways. Em dado momento eu estava perto da orquestra e o músico que tocava violino quis dançar. Largou o violino, eu peguei e saí tocando. Eu tocava bem violino. Fiz o maior sucesso. Tocamos até o dia amanhecer. Logo fiz amizade com todos. O pessoal da cidade era muito unido, alegre e divertido. Parecia que todos formavam uma só família. Naquele tempo, aliás, havia muito interesse pela cultura em Foz do Iguaçu. Por exemplo, muitas famílias tinham piano em casa.

- Terminada a exibição do seriado "O Laço do Tigre", o que o senhor e seu pai fizeram?

- Pegamos o barco e voltamos a Guaíra. Pouco tempo depois, quem inventou de vir a Foz do Iguaçu e montar cinema foi meu tio Bonifácio Palma. Instalou o cinema na propriedade do Cristiano Weirich, onde hoje passa a Travessa Cristiano Weirich, no centro da cidade. Ajudando no cinema, eu ganhava cama e comida do meu tio. Para ganhar mais uns trocados e comprar roupas, eu tocava em bailes junto com o Carmona e o Benitez, no Oeste Paraná Clube, que foi inaugurado em 1928. E uma coisa que nosso conjunto musical adorava fazer era serenata. Que saudade tenho das serenatas, das festas, da vida daqueles tempos!

- Que mais gostaria de lembrar para descrever a vida daquela época?

- Por exemplo, no tempo em que vim para cá havia na cidade apenas dois carros e vários caminhões. Como quando chovia formavam-se muito barro, certo dia os dois carros andavam pela rua e se chocaram. Um derrapou e se chocou com o outro. Havia só dois carros, e acabaram batendo! E gostaria de dizer também que naquele tempo a vida aqui era uma tranquilidade. Não havia ladrões como hoje. Dormíamos com as janelas abertas. Quando jantávamos do lado de fora da casa deixávamos as louças lá mesmo a noite inteira, e ninguém levava nada.

- Até que ano o senhor trabalhou no cinema com seu tio?

- Até 1935 ou 36.

- Já era casado nessa época?

- Casei justamente nessa época, eu com 29 anos e a mulher com 15. Mas mulher só podia casar com 16 anos de idade, então

mudamos a idade dela nos documentos para que pudesse casar mesmo estando com 15 anos. No casamento ela teve que usar um sapato de salto bem alto porque era muito baixinha. Mas depois ela continuou crescendo e ficou mais alta do que eu.

- Depois de deixar o cinema, o que o senhor fez?

- Fiz de tudo um pouco, mas trabalhei principalmente na Força Aérea, na Companhia Força e Luz, no Departamento de Água, Energia e Eletricidade, hoje Sanepar, e trabalhei também no DER, onde me aposentei após 30 anos de serviço. Gostaria, porém, de lembrar que em 1942 tivemos que ir embora de Foz do Iguaçu devido a uma epidemia de malária. Não havia remédio, e o jeito foi ir embora para Curitiba, aconselhados pelo médico Dirceu Lopes. Levamos 21 dias para chegar a Curitiba, de caminhão. Eu, a mulher e os filhos estávamos quase todos com malária. De Curitiba fomos a Morretes. E em 1949 pudemos voltar a Foz do Iguaçu, de onde não precisamos mais sair.

Florentino Correia, Djanira Rafaela e Rosália Dias

*"Tivemos que vir de Laranjeiras do Sul
ao Paraguai a pé, fugindo da revolução"*

- O que trouxe o senhor, "seu" Florentino, a Foz do Iguçu?
Florentino - Vim com meus pais ainda criança. Meu pai veio até aqui porque trabalhou na instalação da linha telegráfica até Foz do Iguçu.
(NR - Em 1905 a estação telegráfica já estava instalada em Foz do Iguçu, portanto Florentino está aqui desde antes dessa data).

Quando desta entrevista,
em 94, Florentino Correia
(foto), era um dos mais
antigos moradores de Foz.
Nascido em Guaraniáçu em
1901, veio para cá ainda
criança com o pai, que
trabalhava na linha telegráfica.
Vivia na Estrada Velha de
Guarapuava, com sua mulher
Djanira Rafaela, com quem
teve 13 filhos. Da família
também ouvimos Rosália
Dias, cunhada de Florentino.
(Juvêncio Mazzarollo)

e nunca mais voltei, nem nunca mais vi ninguém de minha família. Se visse algum irmão meu, não conheceria.

- O que fez com que a família Correia se estabelecesse nesta localidade, chamada de Apepu? Como conseguiram esta terra?
Florentino - Quando terminaram de instalar a linha telegráfica, meu pai ganhou 80 alqueires de terra aqui. Eu tinha seis irmãos. A terra foi sendo dividida entre nós, mas sobrou para nós 20 alqueires apenas. O resto perdemos. Outras pessoas foram tomando um pedaço aqui, outro ali, porque antigamente não se dava valor à terra.

- Como era isto aqui, como era viver aqui junto à chamada Estrada de Guarapuava antes da abertura da BR-277, ou Estrada Estratégica, como era chamada?

Florentino - Tudo passava por aqui, porque era o único caminho para ir a Laranjeiras, Guarapuava e Ponta Grossa. Isto aqui era muito movimentado. Meu pai tinha uma espécie de hospedaria. Era ponto de parada dos viajantes - primeiro os que viajavam a cavalo ou de carroça - que chamavam de jardineira -, depois, mais tarde, ônibus e caminhões. Os tropeiros pousavam na nossa hospedaria.

Rafaela - Quando viemos para cá, Foz do Iguçu tinha 15 casas e três bolicheiros.

Ali no bairro atual de Jardim São Paulo, ainda hoje existe uma olaria. Pois essa olaria é do início do século, quando era tocada por dois burros e cinco crianças.

- E dona Rosália, como veio a Foz do Iguçu?

Rosália - Vim com uma família que morava aqui. Foi na revolução de 1924, quando os revolucionários invadiram Foz do Iguçu. Essa família foi passear em Tomasina, norte do Paraná. Eu não tinha pai nem mãe e morava com minha irmã. A patroa dessa família de Foz perguntou à minha irmã se ela não tinha uma irmã pequena para ser companheira da filha dela, de seis anos. Eu tinha dez anos e vim com eles. Fiquei morando com eles na cidade de Foz até que casei, aos 22 anos, com um irmão do "seu" Florentino, quando então vim morar aqui na roça, onde estou até hoje.

- A senhora mora sozinha?

Rosália - Sozinha, mas perto mora minha filha, e de noite as crianças dela vêm dormir comigo. Também tenho um filho que mora em Santa Terezinha e outro em Foz.

- Sua origem qual é?

Rosália - Meu pai era mineiro e minha mãe, catarinense. Meus pais tinham terra em Tomasina, onde nasci. Mas eu saí de lá com dez anos

- Dois burros e cinco crianças... O que faziam os burros e o que faziam as crianças?

Rafaela - Trabalhavam dois burros de manhã e outros dois à tarde na amassadeira de barro. E as crianças puxavam terra com carrinho de mão. Eu também trabalhei muitos anos nessa olaria, fazendo tijolo e telha. E lá onde lotearam para fazer o Jardim São Paulo, havia uma fábrica de farinha de mandioca. Até meio dia, nós, a criança, aprontávamos três sacos de farinha e enchíamos a cidade, e ninguém queria mais nada. Não adiantava fazer mais farinha, porque não havia para quem vender.

- Ganhar um dinheirinho, fazer cair uns mil réis no bolso não era fácil, não?

Florentino - Muito difícil. Por isso eu, durante muitos anos, saí da roça para trabalhar na abertura de estradas. Andei por muitos lugares e longe nesta região. Fui até Toledo. Esta aqui, a Estrada de Guaruapuava, era aberta e arrumada a picareta e machado, no braço. Trabalhava por empreitada - por dia ou por trecho. Quando trabalhava em Toledo, uma vez por mês eu vinha e voltava a cavalo. Levava dois dias para ir e dois para voltar.

Rafaela - Dois mil réis por dia. E era dinheiro! Com dois mil réis fazia uma compra... enchia um carrinho. Só duro mesmo de conseguir era roupa. Criação e plantação todo mundo tinha, então ninguém vendia para ninguém. E olha, para ganhar dois mil réis por dia tinha que ser bom no serviço.

- O que "seu" Florentino era de sobra, pelo visto. Mas comprar, compravam o quê? Roupa, sal e açúcar, querosene, talvez café se não produzissem na roça?

Florentino - É, dinheiro se precisava só para

isso.

Rosália - Nos primeiros tempos depois que chegamos a este lugar havia umas poucas famílias por aqui. Mas depois, lá pelos anos 60, quando vieram colonos alemães de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, isto aqui tinha muita gente.

Rafaela - Isto aqui estragou, deixou de ir para a frente devido à criação do Parque Nacional do Iguaçu. Uma faixa do que ficou dentro do Parque estava colonizada, com muita gente dentro. Daí surgiu a localidade de Santo Alberto, que estava ficando uma vila quando os colonos foram tirados do Parque Nacional, lá por 1975. Era cheio de morador, de pequeno agricultor. A estrada era um colosso. Hoje, a partir de onde era Santo Alberto em diante, está abandonada.

Rosália - Se não tivesse acontecido tudo isso, aqui hoje seria uma cidade.

Florentino - Em Santo Alberto era tudo alemão, tudo trabalhador. Depois que foram embora ficou feio desse jeito. Hoje não se pode entrar nesse mato do Parque, onde antes havia roça, nem para pegar uma vara, senão vai preso.

- Na época vocês caçavam com quê, espingarda ou armadilhas?

Rafaela - Caçava com espingarda, com armadilha, com foice e machado, faca e fãção. Eu, numa caçada de anta, quebrei dois dedos da mão. Mas matamos o bicho. E comemos. Para não estragar, fazíamos charque. Carne de anta é quase igual à de gado. De dia se trabalhava na roça. De noite caçava e pescava, de manhã cedo caçava, e todo mundo trazia as caças e pescas no rancho, como índio. Passava a noite no rio e no mato, e de manhã um charqueava, outro salgava, outro

cozinava. Dali escapava de novo no mato...
Rosália - Naquele tempo era bom, né?!

- Também vendiam caça ou era tudo para o gasto da casa?

Rafaela - Comia tudo. Arrumava carne de caça para a semana inteira todo mundo trabalhar na roça. Eu tinha uma criança que não acabava mais, minha cunhada tinha outra turma de crianças.. Todos caçávamos e todos comíamos. Quem tinha dava para quem não tinha.

- A malária atacava por aqui também?

Rosália - Atacava. Aliás, eu peguei malária uma vez - só uma vez, porque fiz e tomei um remédio, um chá de raiz de palmeira e palmito. Passei mal umas duas noites e com aquele chá fiquei boa e vacinada - nunca mais peguei malária, que nós chamamos de maleita.

- Na revolução de 1924 vocês foram perturbados aqui?

Florentino - Fomos nos esconder na costa do rio Iguaçu. Avisaram que haveria combates em Foz do Iguaçu e todo mundo foi orientado para fugir, se esconder, ir para a Argentina.

- Mas não houve combate em Foz do Iguaçu...

Rafaela - Não houve aqui, mas nós tivemos que vir de Laranjeiras do Sul até o Paraguai a pé, para fugir dos combates que houve por lá. Pousou Alegre, 24, Isolina, para cá de Laranjeiras - tudo foi lugar de combates. Morreu muita gente ali.

- Está mesmo falando da revolução de 24, aquela que trouxe para cá Luiz Carlos

Prestes, a Coluna Prestes?

Rafaela - Essa mesmo. Lembro como se fosse hoje. Eu tinha 17 anos e vim embora para o Paraguai a pé, só com a roupa do corpo e um pala velho. Fizemos três viagens a pé de Laranjeiras do Sul a Foz do Iguaçu, quando eu ainda era solteira. Naquela revolução, chegavam nas casas e pegavam gado de um, cavalo de outro. Pegavam quatro ou cinco porcos, um ou dois bois e carneavam ali mesmo. Se encontravam jovens nas casas também requisitavam, levavam junto para combater. Davam uma espécie de recibo do que levavam, prometendo pagar depois que acabasse a revolução.

- Estão esperando pagamento até hoje...
Rafaela - Até hoje.

- Eram os revolucionários ou as forças do governo que tomavam o que queriam dos moradores dos lugares por onde passavam?

Florentino - Eram os dois lados. Agora, quem dava recibo prometendo pagar depois eram as forças do governo que combatiam revolucionários.



Áurea Cunha

Filomena Rafagnin

"Atendíamos principalmente turistas que desciam no antigo Aeroporto e, a caminho das Cataratas, paravam na churrascaria."

A família Rafagnin, dona de um pequeno império econômico em Foz do Iguaçu, migrou do Rio Grande do Sul ao Paraná em 1959. Começou por Corbélia e Cascavel até se enraizar na fronteira.

O casal Olímpio Rafagnin e Filomena Morello Rafagnin tiveram oito filhos naturais e dois adotivos. Dessa história fala a matriarca da família, dona Filomena Morello Rafagnin.

(Juvêncio Mazzarollo)

- Teve oportunidade de estudar?

- Sim. Fiz o curso primário e fui a Cacique Doble para continuar os estudos, mas fiquei só um ano e voltei para casa. Em Foz, minha vida foi só trabalho e a criação dos filhos e netos.

- Trocou o estudo pelo casamento?

- Não foi propriamente isso. Mas quando voltei para casa comecei a namorar o Olímpio Rafagnin. Namoramos quatro anos, casamos e eu tive que ir morar na cidade, com sogro e sogra mais 14 cunhados. Foi uma mudança forte para mim - vida diferente, costumes diferentes, rotina de vida diferente. A família Rafagnin tinha uma loja grande e diversificada, com muitos empregados que faziam as refeições lá mesmo. No dia seguinte ao meu casamento, minha sogra me levou à cozinha novinha que havia comprado para me dar de presente e disse: "a cozinha é sua, faça nela o que e como você quiser".

- Começava ali a vocação dos Rafagnin para o ramo da gastronomia...

- Creio que sim. Quem dava conta de alimentar toda aquela gente era eu. Ficamos lá muitos anos. Quando saímos já tínhamos quatro filhos.

- Da casa do sogro só saíram quando se mudaram para o Paraná?

- Não. Fomos a São João da Urutiga tocar um bar com mesa de bilhar e lanchonete. Eu preparava tudo, inventava tudo quanto é tipo de lanche para atrair freguesia. Ali, alguém veio com a idéia de que lugar

de futuro era o Paraná. O lugar indicado era Corbélia. Meu marido veio ver e gostou. Achou que era um lugar de futuro para nós e nossos filhos. Fizemos a mudança em 1959. Corbélia era um vilarejo no meio do mato. Chegamos sem ter onde morar. Conseguimos uma casinha de madeira...

- Com que plano de trabalho foram a Corbélia?

- Construimos um hotel.

- Hotel no meio do mato, conforme a senhora descreve Corbélia da época, era negócio de fazer?

- Foi um bom negócio. Tinha boa freguesia porque na região havia muitos cafezais. Vinham negociantes de café de São Paulo, Rio Grande do Sul e se hospedavam em nosso hotel. Mas ficamos só dois anos lá - eu sempre cozinhando para a família, os hóspedes, em festas.

- A senhora entrou na cozinha quando casou e não saiu mais?

- Deixei a cozinha há alguns anos. Sempre gostei de cozinhar e ensinar a cozinhar. Inclusive fui sempre eu que incentivei meu marido e meus filhos a abrir restaurantes e churrascarias. Houve um período, em Foz do Iguaçu, em que ficamos só com uma empresa de ônibus. Eu, então, passei a fazer doces e salgados para meus filhos Névio e Neuso venderem nas ruas da cidade, de casa em casa.

- União na família, pelo visto, nunca faltou.

- Graças a Deus. Criei oito filhos mais dois adotivos. Nunca me deram vexame. É claro que não foi fácil, mas sempre contornamos as dificuldades e permanecemos unidos até hoje, sempre trabalhando juntos.

- Mas quando e como, enfim, se estabeleceram em Foz do Iguaçu?

- Meu marido vinha muito a Foz do Iguaçu com caminhoneiros e foi percebendo que era um lugar que prometia muito progresso. Nossa filha de criação casou, teve dois filhos e morava conosco. Achamos que eles tinham que fazer sua vida e sugerimos que viessem montar churrascaria em Foz do Iguaçu. Em sociedade com meu primo Zeferino Rafagnin montaram a churrascaria. A Churrascaria São Cristóvão, que ficava onde hoje está a Grenal.

- A freguesia era boa?

- Muito boa. Nossos clientes eram principalmente caminhoneiros que transportavam madeira, café, contrabando. Tínhamos lá também uma hospedaria. Quando chovia, o DNTER fechava a estrada e a saída da cidade para que a estrada não ficasse um atoleiro e uma buraqueira só. Então os motoristas ficavam dias e dias retidos na cidade, comendo na nossa churrascaria e dormindo no nosso hotelzinho. Sábado à noite e domingo ao meio-dia era casa cheia sempre. A mercadoria vinha de bicicleta até a churrascaria.

- Qual foi o empreendimento seguinte?

- Instalamos a Churrascaria dos Pampas, na rua Almirante Barroso. Atendíamos principalmente turistas que desciam no antigo aeroporto e, a caminho das Cataratas, paravam na churrascaria. Nessa época, porém, eu tive

uma gravidez muito complicada. Meu marido, achando que eu não poderia trabalhar e que sem mim a churrascaria não se manteria de pé, resolveu vender. Eu era contra a venda, mas vendemos e voltamos ao Rio Grande do Sul. Meu marido Olímpio vendeu com a intenção de não mais trabalhar na vida, pensando que poderia sobreviver com o rendimento do dinheiro.

- Se tivesse feito isso teria ido para a miséria com família e tudo...

- Certamente. Seis meses depois ele teve a idéia de comprar uma empresa de ônibus de Porto Alegre. Não deu certo. Voltamos a Foz do Iguaçu e instalamos um dormitório. Logo "seu" Olímpio voltou a se interessar em empresa de ônibus. Acabou comprando a Sgarioni, que fazia a linha cidade-Porto Meira e cidade-Ponte da Amizade. Mas começou a dar prejuízo - era ônibus quebrando toda hora, poucos passageiros. Passamos uma crise financeira...

- Porque faltava uma churrascaria...

- É, faltava, mas logo veio a nova churrascaria. Ganhamos praticamente de graça um terreno do Pedro Basso, na rua Tiradentes (hoje sede do Banco Nacional) para fazer o que quiséssemos. Eu propus a construção de uma churrascaria. Foi feita e se chamou Churrascaria Rafagnin.

- A família unida, inteirinha de mangas arregaçadas...

- É claro. Eu na cozinha, meu marido no controle de caixa e dos serviços nas mesas, e os filhos, os garçons. "Seu" Olímpio criou um método próprio de marketing. Combinou com os filhos garçons, Névio e Neuso,

que a qualquer momento daria uma bronca nêles, mesmo que estivesse tudo correndo bem, só para impressionar os clientes à mesa, mostrando interesse em atender bem. Esses fregueses saíam satisfeitos e falando bem da Churrascaria Rafagnin, que, aliás, servia ótimas refeições.

- Uma fatura. Mas depois se mudaram para tocar nova churrascaria, lá onde hoje é o centro gastronômico Rafagnin Center.

- Sim. Compramos do Sgarioni aquele terreno, próximo à rodoviária velha, e construímos nova Churrascaria Rafagnin. Meu marido comprou o terreno com um carro, um Galaxie. Coincidiu com o início de Itaipu. Ao construir, o Olímpio dizia: "Não estou construindo pensando na cidade de Foz do Iguaçu, mas pensando na Itaipu".

- Acertou na mosca. Ganhavam muito dinheiro?

- Ganhava-se bem, e justamente com os empregados na Itaipu e tantos outros que ela atraiu para cá. Foi um momento de grande visão, e foi ali que o grupo Rafagnin começou a prosperar. Terminada a instalação da churrascaria, "seu" Olímpio chamou os filhos e disse: "Ou vocês assumem a Churrascaria, ou vendo ou alugando, e vou com os filhos pequenos morar em Curitiba, e vocês vão arrumar emprego".

- Os filhos não negaram fogo?

- Pelo contrário. O Névio se dispôs a assumir, e o Neuso foi junto. O grupo deslançou em dois momentos, por dois fatores coincidentes: quando os filhos assumiram a empresa e quando surgiu Itaipu.

- Quando e de que morreu Olímpio Rafagnin?

- Morreu em 1979, com 51 anos de idade. Foi a Curitiba se operar de varizes, teve infecção generalizada e morreu. Foi operado no dia 9 de janeiro e morreu no dia 17. Foi um choque muito grande, porque aconteceu muito de repente. Morreu novo, não?

- Quando construíram a Churrascaria Rafagnin à margem da BR 277, naquela dimensão desconunal para a época?

- Inauguramos em 1976, para atender excursões de turistas. Desde essa época meu marido tinha em mente construir um hotel. Ao invés do hotel, em 1977 inauguramos a Churrascaria Rafagnin Cataratas e, enfim, em 1980, o desejo do pai de ter hotel se realizou, infelizmente depois que ele morreu. Inauguramos o Rafagnin Hotel, de quatro estrelas.

- Mas os Rafagnin tem também uma empresa agropecuária, uma granja, não?

- Tem. Em 1973 compramos uma área de terra no Jardim Santa Rita e lá temos criação de animais e horta para abastecer os restaurantes e o hotel.

Além disso tudo, em 1988 abrimos a casa de espetáculos Oba-Oba, e em 1990, a boate Agência Tass.



Francisco Ferreira Mota

"Comprei um Ford, ano 1946, para puxar areia para a construção da Ponte da Amizade"

Casado com Ana Rodinski, cinco filhos e seis netos, Francisco Ferreira Mota nasceu no interior do Estado de Alagoas, migrou para Foz do Iguaçu em 1948 e aqui ficou. Foi alfaiate, militar, caminhoneiro, músico e, mais que tudo, taxista e dirigente sindical da categoria, por décadas. Fez também algum ensaio político eleitoral. Ele tem mais estas tintas para a história de Foz do Iguaçu. (Juvêncio Mazzarollo)

- Como é que se sai de Alagoas para viver em Foz do Iguaçu em plena década de 40?

- Morava aqui um tio meu por parte de mãe, José Vicente Ferreira, que foi a Alagoas buscar sua mãe e minha avó, e eu vim junto. Viajamos de navio de Maceió ao Rio de Janeiro e de lá até Foz do Iguaçu em avião do Correio Aéreo Nacional.

- Veio para cá sabendo o que iria fazer, ou veio numa aventura do tipo seja o que Deus quiser?

- Vim com emprego garantido, como alfaiate empregado de Idalino Favassa. Mas em janeiro do ano seguinte (1949) ingressei no serviço militar. Terminado o serviço militar voltei a trabalhar de alfaiate até 1956, quando comprei um caminhão. Fiz roupas para muita gente ilustre da cidade, como o prefeito Julio Pasa.

- Na época, o alfaiate tinha muito trabalho, não? Praticamente não havia comércio de vestuário confeccionado.

- Exatamente. As roupas eram todas feitas sob medida pelos alfaiates ou pela dona de casa, a costureira. Roupas feitas, só bombacha de gaúcho, porque aqui ninguém fazia.

- Por que, em 1956, o senhor decidiu trocar a alfaiataria por um caminhão?

- Comprei um Ford, ano 1946, para puxar areia para a construção da Ponte da Amizade para Foz do Iguaçu. Se há algo que marcou Foz do

Iguaçu antes da Itaipu foi a Ponte da Amizade. Ciudad del Este simplesmente não existia antes. A cidade paraguaia vizinha nossa era Porto Franco. Quando os engenheiros definiram o local da construção da Ponte da Amizade eu estive junto. Aquela área era toda coberta de mato. Nos trabalhos de sondagens no rio morreu afogado um engenheiro, que caiu da canoa e a correnteza levou. Veio o DNER e abriu concorrência pública para a execução da obra. Ao mesmo tempo, uma empresa brasileira foi contratada pelo Paraguai para abrir a estrada de Caaguazú até a fronteira com o Brasil.

- Antes de surgir a cidade de Porto Stroessner, hoje Ciudad del Este, que importância tinha Porto Franco? Era talvez maior que Foz do Iguaçu?

- Não. Foz do Iguaçu sempre foi maior que as vizinhas cidades do Paraguai e Argentina. Os iguaçuenses compravam muito na Argentina e no Paraguai, principalmente em épocas de muita chuva, porque então não vinham aviões nem caminhões com mercadorias.

- É verdade que Café Filho, vice-presidente da República no Governo de Getúlio Vargas, esteve em Foz do Iguaçu?

- Sim, ele veio na condição de presidente interino, numa ocasião em que o presidente Vargas foi inaugurar a ferrovia Brasil-Bolívia, em Santa Cruz de La Sierra. Café Filho veio passear e conhecer as Cataratas e a região. O avião que o trouxe o deixou aqui e foi embora. Mas começou a chover e o avião Douglas que vinha buscá-lo perdeu a rota

e foi pousar em Concórdia, Santa Catarina.

- O piloto navegava a olho...

- É. No caso, o piloto se perdeu e acabou em Concórdia. Pousou na rua. E nós aqui com Café Filho, não sabendo mais o que fazer com ele. Ele foi até a um baile no Oeste Paraná Clube. Nesse baile eu toquei bateria e cantei. Quando enfim veio o avião buscá-lo, o carro que o levava ao aeroporto atolou na Avenida Brasil.

- Parece que presidentes da República e outras autoridades federais eram chegados numa viagem a Foz do Iguaçu...

- É verdade. Um ministro de Getúlio, por exemplo, vinha muito para caçar perdizes no Paraguai. João Goulart, quando vice-presidente no Governo JK, veio muitas vezes caçar por aqui. Quem o acompanhava nas caçadas era Bruno Ficht. Outro fato importante: a aliança política que em 1955 lançaria JK candidato a presidente e João Goulart vice-presidente foi selada em Foz do Iguaçu em 1954.

- A sociedade local acompanhava os acontecimentos políticos do Paraguai e da Argentina? O que se passava lá repercutia aqui?

- Tudo repercutia aqui. Acompanhamos atentamente a queda de Perón na Argentina, a trajetória de Eva Perón e sua morte. Em 1952, quando Evita Perón estava no auge da fama e da glória, vieram a Foz acrobatas argentinos para homenageá-la andando sobre as Cataratas em cabos de aço. Eu fui assistir. Foi uma loucura o que os acrobatas fizeram sobre as Cataratas.

- O que poderia dizer de Foz do Iguaçu dos anos 50, quando aqui o senhor iniciava nova vida?

- Quando cheguei, o prefeito era Júlio Pasa, um verdureiro que foi dos melhores prefeitos que o município já teve. Com uma pequena patrula abriu ruas (Edmundo de Barros, Santos Dumont, Quintino Bocaiuva e outras). Na baixada da Avenida Brasil, sobre o rio Monjolo, havia um pontilhão de toras construída pelo prefeito Júlio Pasa, que renunciou porque o governador Moisés Lupion não cumpria as promessas que fizera. O capitão Becker completou o mandato.

- O senhor se envolveu em política? Foi candidato?

- Fui candidato a vereador duas vezes, uma pelo PMDB e outra pelo PDS. Consegui uma terceira suplência, mas nunca assumi a Câmara.

- Depois de Ozires Santos veio a série de prefeitos nomeados pelo Governo militar. Que diz desse período e desses prefeitos?

- Com os prefeitos interventores comemos o pão que o diabo amassou. O primeiro, Júlio Werner, foi muito bom, dinâmico e cordial. Vieram os coronéis Rocha e Toledo, este um desastre. Com Itaipu veio o coronel Clóvis Viana, que governou por dez anos. Ele fez muitas obras, modificou a cidade, com a ajuda do governo federal, em função de Itaipu.

- Qual era sua posição em relação ao golpe militar de 1964?

- Eu fiquei quieto quando houve o golpe, porque já era motorista de táxi e dependia da licença, concessão da prefeitura. Em 1960, eu já havia trocado o caminhão pelo táxi, e

Retratos Foz do Iguaçu



Reprodução

Festa junina em Foz com casamento caipira: (da esquerda para direita) Wislände Samways, Carlos Sottomaior, dona Celeste Azambuja e o senhor Elpidio.



Reprodução

Festa junina em Foz: (de pé, da esquerda para direita) Wislände Samways, Dr. Murilo, João Lobato Motta Machado, Dr. Saulo Ferreira, Airton Ramos, Dr. Murilo, Armino Roberto Matte, major Acylino de Castro, Romário Vidal (com revólver), capitão Jacob Becker, Carlos Sottomaior.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - Edição de 04/07/93)

Francisco Scherloski

"O colono ia comprar uns metros de tecido e pagava com alguns sacos de feijão"

- Sua origem é polonesa. Quem veio da Polônia, quando e por quê?

- Meus pais vieram da Polônia em 1890, numa migração organizada pelo governo brasileiro. Inicialmente se estabeleceram em Curitiba, na localidade de Antônio Olinto (não sei se este nome ainda existe).

- Como era feita essa migração que, como disse, era organizada pelo governo brasileiro?

- O governo brasileiro fazia pedidos à Polônia, Alemanha, Itália e outros países para que mandassem migrantes para cá, para ocupar espaços e colonizar regiões do Brasil. Uma parte de migrantes poloneses veio ao Paraná, outra foi a Santa Catarina e outra para o Rio Grande do Sul. Meu pai perdeu o pai dele na Polônia, então veio tentar a vida no Brasil.

- E o senhor nasceu onde e quando?

- Nasci no Rio Grande do Sul, em 1912, em Boa Vista, Erechim. Depois meu pai se mudou para Estação Uruguai, perto de Marcelino Ramos. Moramos lá oito anos, depois mudamos para o Paraná, em 1916, quando eu tinha quatro anos. Éramos quatro irmãos e quatro irmãs.

- Por que a família voltou ao Paraná?

- Viemos para melhorar de vida. Não é que estivesse ruim no Rio Grande, mas meus pais resolveram tentar algo melhor. Viemos para

perto de Ponta Grossa, sempre trabalhando na lavoura. De lá mudamos para Colônia Virmond, até que, em 1929, mudamos para a fronteira.

- Por que tanta mudança de um lugar para outro?

- Naquele tempo era tudo sofrido. A produção não valia nada. Apodrecia porque não havia a quem vender. O comércio comprava, mas na base da troca, da permuta, não a dinheiro. O colono ia comprar uns metros de tecido e pagava com alguns sacos de feijão. Comida havia de sobra porque todo mundo plantava.

- Faltava muita coisa, mas pelo menos fome ninguém passava...

- É verdade. Ninguém passava fome. Sempre havia abundância.

- Como a família Scherloski terminou se fixando em Foz do Iguaçu?

- Viemos para a fronteira em 1929, quando eu tinha 16 anos. Conseguimos comprar uma carroça grande, puxada por oito burros, para transportar erva-mate. Desde Laranjeiras do Sul e Catanduvas vinha erva-mate, e daqui ia para a Argentina.

- Uma viagem de Laranjeiras a Foz do Iguaçu com carroça devia levar um mês...

- É, mais ou menos um mês...

- Mas a erva-mate não chegava fermentada, estragada, então?

- Não, porque vinha seca já. Era secada em barbaça. A erva verde era

Filho de migrantes poloneses, nascido no Rio Grande do Sul em 1912, Francisco Scherloski está no Paraná desde 1916 - na fronteira desde 1929 e em

Foz do Iguaçu especificamente desde 1942. Aos 82 anos, é pecuarista na localidade de Três Lagoas. Desde o tempo da extração de erva-mate, ele derramou seu suor para o progresso desta região.

(Juvêncio Mazzarollo)

colocada sobre uma grade de madeira, numa estufa, e era secada com fogo feito num túnel de 30 ou 40 metros de comprimento. A maioria dos que trabalhavam na colheita de erva-mate eram paraguaios.

- A erva-mate era encontrada só no meio do mato ou havia também ervais formados por colonos?

- Era tudo no meio do mato. Aqui em Foz do Iguaçu não havia muita erva-mate, mas nas regiões de Cascavel, Catanduvas e Guaíra estava cheio.

- Que histórias o senhor tem para contar relacionadas ao trabalho com erva-mate?

- Lembro da Companhia Mate Laranjeira, que tinha 41 sócios e transportava mil sacos de erva-mate por dia. E havia também o Porto Alicia, de Júlio Tomás Alicia, que eu conheci e que transportava, sozinho, 500 sacos em carroça, até Porto Mendes, onde a erva era embarcada para a Argentina. O Alicia tinha o porto dele, muito bem organizado.

- Ganhava-se muito dinheiro com erva-mate?

- Havia quem ganhava bastante dinheiro, mas também se judiava muito do povo que trabalhava nisso. Havia casos de gente que nascia lá no mato e lá morria de velha sem conhecer outra vida. A comida para os peões era canjica.

- Depois de largar o negócio da erva-mate, o que o senhor se pôs a fazer?

- Bem, eu sempre trabalhei com carroça e na lavoura. E criação de gado também. Ainda hoje sou pecuarista. Não tenho muito, mas umas 800 cabeças eu tenho. Já cheguei a ter

1.300 cabeças de gado. Poderia ter mais, mas falta pasto. A terra de Foz do Iguaçu não é boa para pasto, porque a terra é muito compacta, endurece muito.

- Está aqui nesta propriedade desde quando?

- Desde 1942, quando caiu o preço da erva-mate. Eu já era casado. Eu tive nove filhos - duas meninas com a primeira mulher, falecida, e sete com a segunda, mas três filhos meus morreram.

- O senhor teve oportunidade de estudar, ir à escola?

- Não. Meu pai pagou um professor para me ensinar durante dois meses. E foi só. Mas depois eu fui aprendendo com a vida. Aprendi a ler e escrever meio sozinho. Só que hoje, devido à vista fraca, nem consigo mais ler.

- Trabalhando na lavoura nos anos 40, ganhava dinheiro, dava para fazer a vida da família?

- Até que dava para se virar, porque eu vendia toda minha produção ao batalhão do Exército. Eu vendia inclusive alfafa para a cavalaria do batalhão. Eu tinha também muita abelha e vendia mel.

- Com madeira o senhor trabalhou?

- Não. Só vendi madeira de minha propriedade.

- Que área de terra o senhor tem aqui em Três Lagoas?

- No meu nome estão 150 alqueires, mas a gleba toda é de 240 alqueires, que já dividi entre os filhos. Apenas um dos meus filhos

está comigo aqui na fazenda. Os outros estão na cidade.

- Quantos netos tem? Tem bisnetos também?

- Tenho nove netos e nenhum bisneto.

- Como se adquiria terras em Foz do Iguaçu naqueles tempos? Como o senhor conseguiu esta propriedade? Comprou de quem?

- Aqui, quando comprei, era uma posse, já com uma casinha em cima. Morava aqui um paraguaio. Eu comprei dele. Depois levou toda uma vida para legalizar e escriturar no meu nome. Primeiro foi com o Ibra (Instituto Brasileiro de Reforma Agrária), depois, com o Inbra (Instituto de Colonização e Reforma Agrária). No tempo do Ibra foi feita a medição e eu paguei três prestações. Na quarta prestação era para vir o título, mas estou esperando até hoje. Ai foi feito tudo de novo, pelo Inbra, e finalmente recebi o título.

- De quem, afinal, era a terra?

- Era do governo. Não havia sobre ela título de propriedade em nome de ninguém. Mas eu não comprei tudo de uma vez só. Com o tempo fui comprando mais terra, já legalizada, com escritura.

- O senhor tem o apelido de "Chico Marreco". Por que esse apelido?

- Porque, quando do trabalho com erva-mate, eu morei na localidade de Rio Marreca, 35 quilômetros para lá de Toledo. Ficava entre Toledo e Porto Britânia.

- O senhor acompanhou a construção da

BR-277, já que tem propriedade de frente para a estrada?

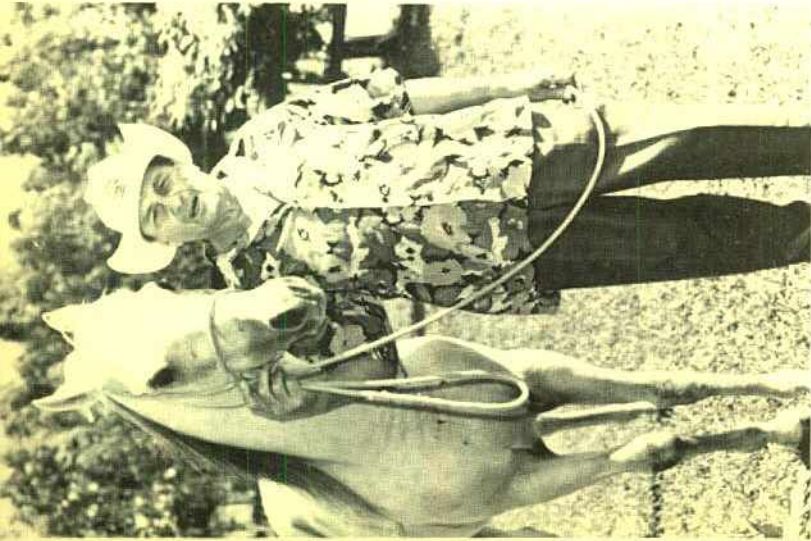
- Quando eu entrei aqui só tinham feito a locação, o traçado da estrada. Isso foi em 1946. Inicialmente começaram a abrir a estrada com machado e picareta. Depois vieram máquinas também. O Érico Pruner, por exemplo, que hoje está com quase 90 anos, pegou uma empreitada e, com uma turma de peões, abriu o traçado da estrada daqui até Matelândia, derrubando o mato.

- A construção da BR-277 foi uma oportunidade de negócios, de venda de seus produtos aos trabalhadores da obra?

- Não, nem quando abriram a estrada de chão, nem quando asfaltaram na década de 60.

- O senhor acompanhou a vida da cidade de Foz do Iguaçu? Quando veio para cá, em 1942, como era a cidade?

- Tinha a Avenida Brasil, que se chamava Avenida Botafogo, que era uma pedreira, e só. As casas eram quase todas de madeira. Ai o governo do Estado construiu o Hotel Cassino, um grande progresso para a cidade. Mas o progresso de Foz do Iguaçu começou o mesmo com a construção da Ponte da Amizade. Antes, Foz era mesmo um fim-de-mundo. Mais progresso veio com a construção da BR-277. Mas a explosão de progresso se deu mesmo com a construção da usina de Itaipu.



Áurea Cunha

Franz Kohlenberger

"No princípio eu era chamado de louco. Depois quando viram que dava dinheiro, tdo o mundo se candidatava para explorar o serviço"

Louco, no caso de Franz Kohlenberger, era apenas seu ímpeto, sua competência de desbravador das potencialidades turísticas de Foz do Iguaçu. Nascido na Áustria em 1929, migrou para o Brasil aos 18 anos, começando a vida por São Paulo e continuando em Foz do Iguaçu, onde está desde 1958. Por vinte anos dedicou-se ao Hotel das Cataratas, a passeios para turistas no Parque Nacional do Iguaçu.

(Juvêncio Mazzarollo)

- Por que seus pais trocaram a Europa pela América?

- Houve na Europa e no mundo a grave crise de 1930, e eles se aventuraram para o Brasil. A situação lá estava pior que hoje aqui. Meus pais tinham uma família de amigos em São Paulo e foram para lá. Só que em São Paulo corria uma revolução que deixava as coisas ainda piores que na Europa. Mas eu não vim com meus pais. Fiquei na Europa com os avós e só vim ao Brasil com 18 anos de idade.

- Que vida levou na Áustria até vir ao Brasil aos 18 anos?

- Estudei até os 14 anos e depois entrei na vida profissional, na hotelaria, com quatro anos de escola de hotelaria. Acabou a Segunda Guerra e meus pais mandaram me chamar.

- No Brasil o senhor começou fazendo o quê?

- Trabalhei durante dez anos com meus pais num frigorífico em Santos, São Paulo. Em 1955 passei por Foz do Iguaçu como turista. O Hotel das Cataratas estava em construção. Eu tinha uns amigos gaúchos que me contavam que Guaíra era lugar de turismo, com bons hotéis. Aproveitei a Semana Santa, peguei o ônibus e viajei para cá, via Londrina, Maringá, Cruzeiro do Oeste e Ipiratã, para onde ia um ônibus uma vez por semana. De lá até Guaíra só se podia viajar em caminhões que transportavam toras. Fiquei hospedado num hotel administrado por um judeu alemão.

- Sem preconceito, o senhor é judeu ou alemão?

- Sou alemão. Nome que termina em "er" é alemão. Se fosse Kohlenberg" seria judeu, mas eu sou Kohlenberger. Bem, mas passei dias em Guaíra, vendo as Sete Quedas, que estavam no maior abandono, com as pinguelas caindo aos pedaços. Aquelas pontes foram construídas pela Companhia Mate Laranjeira na década de 30. O dono do hotel sugeriu que eu viesse até Foz do Iguaçu, em avião da Real Transportes Aéreos. Eu nem sabia da existência das Cataratas do Iguaçu. Vim e me hospedei no Hotel Cassino. Vi as Cataratas, aquela maravilha...

- Qual espetáculo achou mais impressionante, o de Sete Quedas ou das Cataratas?

- Sete Quedas impressionava pelo volume de água. Era a maior catarata do mundo em volume de água, enquanto as Cataratas do Iguaçu são as mais fantásticas em beleza e extensão.

- Impressionado com tanta beleza, resolveu ficar por aqui?

- Ainda não, porque não havia o que fazer aqui. O Hotel das Cataratas estava em construção. Voltei para Santos. Quando o Hotel das Cataratas ficou pronto, em 1957, mandei uma carta me candidatando a trabalhar nele, mostrando que tinha curso de hotelaria feito na Áustria e experiência no ramo. Fui aceito, então vim para cá e cá estou até hoje. Planejava ficar só uns seis meses, mas já faz 40 anos que estou aqui e, claro, sem pensar em sair.

- Tendo sido construído pelo governo federal, como operava, ou

que administração tinha o Hotel das Cataratas?

- Bem, a construção terminou em 57, mas o Hotel foi inaugurado em 58, pelo dono dos maiores cassinos do Brasil, um certo Bianchi. Mas na época os cassinos estavam fechados, proibidos. O hotel estava pronto, mas por um ano ninguém havia se interessado em explorá-lo. Aí o presidente Juscelino Kubitschek ofereceu o hotel sob a promessa de, dentro de alguns meses, liberar o jogo. Bianchi era dono de hotel-cassino em Guarujá, SP, e de lá trouxe muitos móveis para o hotel das Cataratas. Mas a abertura do cassino não foi liberada, então Bianchi vendeu a concessão do hotel à Real Transportes Aéreos, que tinha a agência de turismo Realtur e que depois viria a ser adquirida pela Varig. Desde então até hoje, a Companhia Tropical de Hotéis, da Varig, é concessionária do Hotel das Cataratas. Ela ampliou o Hotel, acrescentando uma ala com mais 61 apartamentos, numa primeira etapa, e mais tarde aumentou em mais de 100 apartamentos.

- No começo, o que o senhor fazia no Hotel das Cataratas?

- Era empregado e fazia um pouco de tudo, mas minha função principal era de barman. O movimento era muito fraco, com 15 ou 20 hóspedes. O preço era de mil cruzeiros por pessoa, incluindo hospedagem, café da manhã e duas refeições, quando o salário mínimo era de quatro mil cruzeiros, o preço de uma passagem aérea de ida e volta a São Paulo. A Estrada das Cataratas, calçada com pedras depois de criado o Parque Nacional do Iguaçu em 1939, era boa até o rio Tamandúá, porque até lá foi bem compactada por rolo compressor enviado pelo governo do Paraná.

Sobre o rio Tamandúá havia uma ponte de madeira que não suportaria o peso do rolo compressor, por isso ele não passou para o lado de lá e a estrada até as Cataratas ficou logo toda esburacada, fazendo com que a viagem levasse uma hora ou mais. Aliás, os trechos que ainda restam daquela estrada deveriam ser tombados e preservados, com placas indicativas de sua história, como atração de interesse turístico e cultural. Mas aqui parece que ninguém se interessa com o que houve ontem. É uma tristeza.

- A criação do Parque Nacional do Iguaçu pelo presidente Getúlio Vargas em 39 teve importância fundamental, porque a isso se seguiu uma série de investimentos do governo em Foz do Iguaçu...

- Sim. Logo foi feito o calçamento da Estrada das Cataratas e iniciada a construção do Hotel das Cataratas, só que este levou 19 anos para ser concluído. Foi construído o Aeroporto, o Fórum, o Museu do Parque, a Usina São João.

- Por que denorou tanto a construção do Hotel das Cataratas?

- Porque as obras foram interrompidas no intervalo entre os dois períodos de governo Vargas (1945-1950). Quando as obras foram retomadas, no meio da construção já havia árvores crescidas, escombros por todo lado. Os argentinos chamavam aquilo de "ruínas dos índios", dos missionários, como as de San Ignacio Mini.

- O senhor tem fama de grande aventureiro e até de louco (no bom sentido), pela coragem com que fazia verdadeiras façanhas nas corredeiras e

nos penhascos das Cataratas. Que bravuras fazia? Houve acidentes, tragédias?

- Comigo nunca houve acidentes. Eu introduzi um passeio de barco até a Garganta do Diabo pelo lado brasileiro, nas corredeiras acima dos saltos. No princípio eu era chamado de louco. Depois, quando viram que dava dinheiro, todo mundo se candidatava para explorar aquele serviço. Foi feita concorrência pública e quem entrou com dinheiro ganhou a concessão, mas não entendia do ramo, então os barqueiros ficaram abandonados.

- Voltando à Estrada das Cataratas, quando ela foi asfaltada?

- Foi asfaltada a pedido do presidente Castelo Branco e concluída em 1967. Castelo Branco veio inaugurar a Ponte da Amizade em 1965 e ficou hospedado no Hotel das Cataratas durante dois dias. Ele se comprometeu a asfaltar a estrada para incentivar o turismo.

- Que outras marcas suas ficaram no Parque Nacional do Iguaçu?

- Fiz também a estrada que leva ao Salto do Macuco. Eu tinha um barco a motor e com ele levava turistas a um passeio do Macuco até os marcos das três fronteiras, na foz do rio Iguaçu. Também levava esses turistas para ver as obras de construção da Ponte da Amizade. Eu ainda mantinha passeios a cavalo dentro do Parque. Fazia isso de dia e de noite trabalhava de barman no hotel.

- Mas o senhor depois foi gerente do Hotel das Cataratas...

- Sim, mas antes passei quase dois anos em São Paulo, porque meu pai estava construindo um frigorífico e pediu que eu fosse ajudar.

Por falta de financiamento o frigorífico não foi concluído, então voltei a Foz do Iguaçu, desta vez para ser gerente do Hotel das Cataratas, função que exerci de 1966 a 1977. Posso dizer que fui o primeiro recepcionista e o primeiro guia de turismo de Foz do Iguaçu. De certa maneira, tive a primeira agência de turismo, pelos passeios que oferecia aos turistas. Eu inventei a introdução do helicóptero do Hotel das Cataratas, para oferecer vôos panorâmicos e criar uma ponte aérea para a Argentina.

- Por que saiu do Hotel das Cataratas?

- Comecei a me desentender com a Varig, então pedi a conta.

- E abriu a Churrascaria Cabeça de Boi, na Avenida Brasil...

- Sim. Era um tempo bom, com grande movimento. Para ganhar o primeiro milhão não foi difícil; difícil é agora não perder. Além da Churrascaria do centro da cidade instalei a Churrascaria Cabeça de Boi Campestre, a 5 quilômetros da cidade, à margem da Estrada Velha de Guarapuava. Lá se oferece, além de restaurante, açude para pescaria, cavalgadas e caminhadas num ambiente natural muito agradável, saudável e bonito.



Galdino Moro

"Eu tinha oito anos quando ouvi rádio pela primeira vez. Um dia á tardinha, chegou o tenente Otávio, do exército, com uma caixa e ligou"

A leitura desta publicação leva à impressão de que ninguém dos antigos moradores de Foz do Iguaçu nasceu aqui. De fato, encontram-se poucos dos chamados pioneiros que não tenham sido migrantes. Entre esses poucos está Galdino Moro, que, talvez justamente por ser nascido em Foz do Iguaçu, não é assim tão antigo - nasceu em 1929, mas filho de migrantes.

(Juvêncio Mazzarollo)

- Por onde poderíamos começar a história da família Moro estabelecida em Foz do Iguaçu?

- Eu nasci em Foz do Iguaçu em 1929, mas a família Moro é originária da Itália.

- Alguém parentesco com Aldo Moro, o primeiro-ministro italiano seqüestrado e morto pelas Brigadas Vermelhas nos anos 70?

- É possível que tenhamos algum parentesco com ele, porque os Moro que vieram para a América eram de Udine, região onde nasceu Aldo Moro. Mas a origem da família Moro estabelecida em Foz do Iguaçu é um pouco complicada e até engraçada. Meu avô por parte de minha mãe, João Geyer, de origem alemã, migrou para o Brasil depois de passar pelos Estados Unidos. Viveu 20 anos no Rio Grande do Sul e foi para a Argentina, onde ficou mais alguns anos. Saiu da Argentina para ir ao Estado do Mato Grosso, no Brasil, em 1914, quando já tinha duas filhas, uma delas minha mãe, Tereza Geyer Moro. Vinha ele da Argentina, de barco, e parou em Foz do Iguaçu. Aqui, o prefeito Jorge Schimmelpfeng o desaconselhou a ir ao Mato Grosso, Estado que na época tinha fama de ser lugar de bandido.

- Schimmelpfeng tinha interesse no crescimento de Foz do Iguaçu e aconselhou seu avô a ficar aqui, certamente.

- Exato. Jorge Schimmelpfeng o convidou a ficar em Foz, arrumou terreno para ele e até lhe garantiu mantimentos nos primeiros tempos. Meu avô por parte de minha mãe, Tereza Geyer, ficou.

- Em que local de Foz do Iguaçu sua família morava?

- Lá onde hoje é o loteamento do bairro Jardim Petrópolis. Era roça. Nós trabalhávamos e vivíamos na roça. Em 1972 vendi aquela propriedade e comprei aqui onde moro, perto do Clube Gresfi, antigo Aeroporto de Foz do Iguaçu. Talvez eu morasse lá na roça até hoje se meus primeiros filhos fossem homens, porque eles me ajudariam no trabalho da lavoura. Mas primeiro nasceram as filhas, então achamos melhor procurar um meio de vida diferente.

- Quem é sua esposa e quantos filhos tem o casal?

- Minha esposa é Maria Madalena Dotto Moro, filha de Antônio Dotto. Temos cinco filhos, mas um é falecido. E temos agora cinco netos.

- O senhor disse que vendeu a terra e deixou a roça para tentar outro meio de vida. Que meio é esse?

- Resolvi mudar para poder dar um pouco de estudo aos filhos. Hoje é fácil porque há ônibus, telefone... é tudo fácil, mas naquela época, para dar estudo aos filhos vivendo na roça, era problemático. Então vendi a chácara, comprei terrenos na cidade, construí casas e passei a viver de alugueis.

- Se era problema dar estudo aos seus filhos, maior problema deve ter sido o senhor mesmo estudar, não?

- Eu posso me considerar quase um autodidata. Não cheguei a frequentar escola por dois anos completos.

- Mas em Foz do Iguaçu, quando o senhor era criança, já havia a Escola Bartolomeu Mitré.

- Sim, e eu estudei um ano lá, mas era longe de casa. Tinha que vir da roça para a cidade a pé ou a cavalo. Além disso precisava ajudar no trabalho em casa. Na escola só fui alfabetizado. Depois fui aprendendo em casa. Eu gosto muito de ler. E tive o privilégio de ter tido uma excelente professora durante meio ano. Era a professora Celeste de Azambuja Sottomaior. Lastimo que ela não seja homenageada com seu nome em alguma escola da cidade. É aquela professora por vocação. Eu acho que professor, médico, policial, padre, tem que ter vocação. Há outras grandes professoras que mereceriam uma homenagem: a Ilka Vera, Odete Rolon, Izoletta Nieradka, Ilde Rorato, "Maricota" Ferreira, Letícia Pasa Leopoldino... São professoras que deram a juventude e a vida ao ensino. Mereceriam ser mais lembradas, porque não são poucos os que hoje estão formados e começaram aprender as primeiras letras com elas.

- O que o senhor poderia contar de suas lembranças sobre Foz do Iguaçu da década de 30, quando ainda era criança?

- Minhas primeiras lembranças são de 1936/37. Lembro que comecei a vir à cidade a cavalo. Trazia produtos da roça para vender a um primo que tinha uma casinha de comércio.

- E, evidentemente, dava duro na roça desde criança?

- Lógico. Desde os seis, sete anos já ia com a enxadinha ajudar na roça. Nós produzíamos de tudo um pouco. Aliás, acho que um

problema da agricultura de hoje é a monocultura, que acabou com muita coisa, muita prática boa dos agricultores de antigamente. Com a introdução da monocultura deixou-se de produzir muito alimento. Hoje vê-se o absurdo de ver agricultores comprando tomate no supermercado.

- Para quem trabalhava na roça, o difícil devia ser vender a produção e conseguir o dinheiro necessário para o que não podiam produzir.

- Até que não. Além do mais, precisava-se pouco de dinheiro porque não havia tanta coisa para comprar como hoje.

- Quando o senhor pôde ter pela primeira vez luz elétrica em casa?

- Enquanto vivi na roça, até 1972, não tive energia elétrica em casa. Então só tive luz elétrica em casa a partir dos 42 anos de idade, quando mudei para a cidade. Aliás, isto aqui nem era cidade ainda. O perímetro urbano terminava na avenida República Argentina.

- Lembra de quando ouviu rádio pela primeira vez?

- Eu tinha oito ou nove anos, na casa do primo que tinha a lojinha para a qual eu trazia produtos da roça. Um dia, à tardinha, eu estava lá e chegou o tenente Otávio, do Exército, com uma "caixa" e ligou. Era o primeiro rádio a pilha chegado a Foz do Iguaçu.

- Não era a bateria?

- Meu primo tinha um a bateria, mas aquele a pilha era portátil - um caixão pesado.

- Ninguém aqui instalou o sistema de

tina pelo rio Paraná em toras. Depois é que começaram a montar na região as serrarias, e então a madeira passou a ser serrada. As primeiras serrarias foram instaladas em Cascavel, onde havia muito pinheiro. Começaram a aparecer aqueles caminhões zinhos Chevrolet com reboque.

- Da política o senhor participou alguma vez?

- Não. Conheci vários prefeitos. Votei muitas vezes para prefeito, desde Júlio Pasa que foi muito bom prefeito.

- Avancando no tempo e chegando mais próximo da atualidade: como o senhor reagiu quando veio a notícia de que seria construída a usina de Itaipu? Acreditou que seria mesmo construída?

- Recebi a notícia com naturalidade. Meu espanto passou quando construíram a Ponte da Amizade.

eletricidade gerada por bateria carregada por dinamo movido a cata-vento?

- Não, que eu tenha visto, não. Mas um morador instalou uma pequena turbina geradora numa queda d'água naquele riacho que corre entre o Floresta Clube e a BR-277. Foz do Iguaçu, lugar baixo, tem pouco vento, por isso o sistema de cata-vento seria inadequado.

- De acordo com as suas observações, que momentos destacaria como os que representaram avanços no progresso de Foz do Iguaçu?

- O progresso começou com a construção da Ponte da Amizade. Depois Foz do Iguaçu foi influenciado pelas revoluções paraguaias, que fizeram muitos paraguaios fugir para cá.

- O senhor acompanhou a construção da Ponte da Amizade? Teve algum benefício direto com a obra?

- Não só acompanhei de perto a construção como também forneci muita coisa, muitos produtos da roça para os que trabalhavam na obra. O que eles queriam e eu não tinha em casa, com uma caminhonete que eu tinha buscava junto a outros agricultores. Ia buscar produtos em Alvorada do Iguaçu, Itacorá, hoje lugares alagados por Itaipu. E outro momento de impulso ao progresso de Foz do Iguaçu veio com a construção da BR-277, a chamada Estrada Estratégica, desde a década de 50. A BR-277 facilitou a instalação de grandes madeireiras.

- As madeiras já não existiam desde muitos anos antes?

- Sim, mas com uma diferença. Antes, a madeira era tirada do mato e levada à Argen-

Genésio Rorato

"Apesar da lei seca vendíamos cachaça aos paraguaios. Se nos pegassem, uma propina resolvia tudo"

- O que fez com que seus pais trocassem o Rio Grande do Sul pelo Paraná em 1927?

- Nós viemos para cá enganados. Meu pai queria montar uma serraria, trabalhar com madeira, e disseram a ele que Foz do Iguaçu era o melhor lugar possível para esse negócio. Vendeu a terra em Cachoeira do Sul para comprar a serraria. Comprou por uma fortuna, embarcou família e serraria rumo a Foz do Iguaçu.

- Em que foram enganados?

- Disseram a meu pai que Foz do Iguaçu era o melhor lugar para trabalhar com serraria, mas não era verdade. O que meu pai queria era serrar e beneficiar madeira, e aqui não havia comércio para isso.

- Que fim deram à serraria?

- Vendemos por cinco contos de réis, sendo que tinha custado vinte. Quem comprou foi um parente do Rio Grande do Sul. Ele queria que voltássemos para lá. Até ofereceu a passagem. Meu pai disse: "Não, eu saí de lá com dinheiro. Agora, sem dinheiro, não volto". Não queria passar por fracassado. Preferiu comprar terra aqui, mas só a área que podíamos cultivar, até porque a terra não tinha valor".

- Produziam o que na roça?

- Plantamos cana e instalamos um alambique. Vendíamos muita cachaça aos paraguaios, embora na fronteira vigiasse a "lei seca". Apesar de proibida na fronteira do Paraguai com o Brasil, os paraguaios levavam

a cachaça clandestinamente. Se a polícia pegava, uma propina qualquer resolvia tudo. Se não desse propina, o castigo consistia em trabalhar dois ou três dias de graça para o policial.

- O senhor ficou muito tempo na roça? Além de cachaça produzia o quê?

- Trabalhei 30 anos na roça, e agora faz 30 anos que estou na cidade. Trabalhei muito em criação de gado e porco. Plantações, só para o gasto de casa, pois não havia a quem vender. Na cidade montei uma mercearia. Comprava produtos da roça e só pagava se e quando vendesse. Se não vendesse, devolvia o produto. Levar produtos para outros lugares também não dava. Tudo era longe, os povoados da região eram muito pequenos e aqui mesmo havia pouca gente, então vendia-se pouco.

- Quando essa situação começou a mudar?

- Com a construção da Ponte da Amizade e depois, mais ainda, com a construção da BR 277.

- Alguma vez o senhor se envolveu em política?

- Só uma vez, na eleição do prefeito Ozires Santos, que foi um dos melhores prefeitos que Foz do Iguaçu teve. Fez, por exemplo, a maior obra da cidade até aquela época (início da década de 60), o asfaltamento da avenida Brasil, apesar de quase ninguém pagar impostos. Não pagavam porque não acreditavam no prefeito por ser muito jovem. Eu

Nascido em Cachoeira do Sul, RS, em 1919, Genésio Rorato imigrou com os pais e irmãos para Foz do Iguaçu em 1927. A família se mudou para o

Paraná "enganada" por um negócio que não deu certo, segundo ele conta. Mas voltar atrás não dava, e os Rorato ficaram para enfrentar a luta que Genésio relata nesta

entrevista.

(Juvêncio Mazzarollo)

acreditava porque conhecia o pai dele, com quem trabalhei em serraria e que também foi político em Cascavel.

- No setor policial e criminal, como era o ambiente em Foz há 30 ou 40 anos atrás?

- Havia banditismo também naquele tempo, especialmente entre paraguaios que viviam aqui. Matavam-se por qualquer encrenca em jogatinas e bebedeiras. Mas a autoridade era mais severa. Houve um delegado que controlava tudo e todos. Se achasse um bêbado, levava à Delegacia curar o porre. Se encontrasse alguém com jeito de vadio, perguntava onde trabalhava e ia checar se era verdade. Se o indivíduo tivesse mentido, era levado à Delegacia e levava uma surra. Por isso não havia "gatos" como hoje. Naquele tempo não se precisava trancar portas e cercas nas casas. Hoje é chave e cadeado por todo lado, cercas ao redor de casa, e assim mesmo os gatunos assaltam.

- Foi comerciante durante muito tempo? Em que outro ramo trabalhou?

- Tive que deixar o comércio porque eu era muito mole - vendia fiado a qualquer um e levava muitos prejuízos. Larguei o comércio e fui trabalhar na construção de casas. Construí muitas das melhores casas de Foz do Iguaçu de anos atrás. A última foi a do comandante da Marinha.

- E a família? Casou quando? Quantos filhos?

- Casei aos 20 anos de idade e tenho nove filhos, quatro homens e cinco mulheres. Todos estudaram e estão bem.

- Um deles, Claudio Rorato, é advogado

e vereador pela segunda vez...

- Sim. Tenho também uma filha que é advogada em São Paulo. Dos meus filhos, o que tem menos estudo é contador. Sempre achei que o melhor patrimônio que poderia deixar aos filhos era o estudo. Com estudo a pessoa se vira, senão vai carregar pedra a vida toda...

- O senhor fez o serviço militar em Foz?

- Fiz. Fiquei no quartel um ano e quatro meses. Era duro porque o mundo se preparava para a II Guerra Mundial. Servi em 1939. A II Guerra estourou no dia 2 de setembro de 1939 e eu dei baixa no quartel no dia 4, mas tinha que me apresentar uma vez por semana.

- Havia possibilidade de ser convocado para a Guerra?

- Havia, tanto que fui convocando, mas um médico amigo me livrou. Soldados e ex-soldados não podiam casar, porque, caso fossem convocados para a Guerra, o governo não teria gastos com a família. Eu havia casado só na igreja, então o médico aquele me orientou para que fizesse o casamento civil para facilitar a dispensa da convocação militar. Mesmo assim estava convocado, e de novo o médico me livrou dando atestado de que eu tinha um problema de visão.

- Alguém de Foz do Iguaçu chegou a ir à II Guerra Mundial com a FEB, na Itália?

- Foram chamados uns quatro ou cinco, mas só um foi à Itália. Foi João Aguiar Pompeu, que inclusive foi ferido. Se não morreu, deve estar em Cascavel.

- E o relacionamento entre brasileiros e

paraguaios na fronteira era mesmo cordial ou havia escaramuças?

- Sempre foi cordial. Nunca houve brigas ou enfrentamentos, mas, na verdade, os paraguaios nunca gostaram dos brasileiros. Isso de que reina a maior amizade entre nós e eles é um faz-de-conta.

- O senhor trabalhou ou teve negócios no Paraguai?

- Sim. Inclusive construí um hotel lá para um general que me pediu para não contratar nenhum paraguaio. Era um general paraguaio que não gostava de paraguaios, ou não confiava neles. Mesmo assim eu contratei um. Mas nem cheguei a concluir a obra porque houve uma encrenca entre o Brasil e o Paraguai, e o general me aconselhou a voltar ao Brasil para não ter problemas.

- Que encrenca entre Brasil e Paraguai foi essa?

- Era uma briga por causa da demarcação da fronteira nas Sete Quedas de Guaira, em 1965. Os paraguaios chegaram a enviar tropas militares para lá. Depois a questão se resolveu com a construção de Itaipu, que alagou a área em litígio e deixou tudo por isso mesmo.

- Quando sua família migrou para Foz do Iguaçu em 1927, o que havia, como era a cidade argentina de Puerto Iguazu?

- Praticamente havia só as instalações da aduana e algumas casas, um vilarejo pobre, mas logo cresceu com o comércio de erva-mate e madeira extraída no Brasil e com as compras que os brasileiros faziam lá.

- E Porto Stroessner, hoje Ciudad del Este, Paraguai, como era?

- Antes da construção da ponte da Amizade aquilo era só mato e plantação de bananeira. A cidade paraguaia da fronteira era Puerto Franco.

- Foz do Iguaçu acompanhava a situação política paraguaia?

- Não, ninguém dava atenção do que se passava no Paraguai.

Eu trabalhei no Paraguai com serraria durante 12 anos, de 1970 a 1982. Nunca sequer dei algum palpite político porque os paraguaios são muito fanáticos. Se são colorados e alguém fala mal do Partido Colorado, são capazes de matar. Certa ocasião veio à minha serraria Mário Abdo Benitez, secretário particular do presidente Stroessner. Veio me oferecer madeira, sem dizer quem era. Eu disse que receberia a madeira, mas não iria no mato cortar. Ai ele começou a me perguntar sobre o governo Stroessner. Eu disse que para mim todo e qualquer governo é bom.

- Se dissesse que o de Stroessner era ruim..

- Certamente me daria mal. Mas ele gostou de mim e até me deu um cartão dele que serviria de uma espécie de credencial para resolver qualquer problema. Isso facilitou tudo para mim. Viver no Paraguai era bom, tranquilo. Importante era se dar com as autoridades.

A tradicional família Lacki de Foz do Iguaçu teve origem na Polônia e descreveu, vida afora, uma história que mistura aventura, heroísmo e tragédia, como conta Helena Lacki nesta entrevista dada aos 88 anos de idade, um pouco antes de falecer em 94. Vindo ao Brasil, os Lacki não só se viram diante de um país que definiram como “encantador”, como também fugiram da morte quase certa na Polônia. (Juvêncio Mazzarollo)

Helena Lacki

“Ganhamos uma grande área perto do Marco das 3 Fronteiras. Derrubamos o mato, plantamos grama criamos vacas, porco e galinha para vender na Argentina”.

- Por que a senhora e seu marido trocaram a Polônia pelo Brasil?

- Viemos ao Brasil a passeio em 1930. Eu estava grávida do nosso primeiro filho. Na Polônia tínhamos muitos livros sobre a América do Sul, especialmente o Brasil. Éramos fascinados para conhecer o Brasil. Até vendíamos erva-mate e frutas que encomendávamos do Brasil. Viemos para ficar um mês de passeio.

- Deviam estar bem de vida, então. Faziam o que na Polônia?

- Meu marido era administrador de seis fazendas de um príncipe. Quando viemos passear no Brasil trouxemos o bolso cheio de dinheiro. Fomos a Curitiba e nos hospedamos numa pensão de uma senhora polonesa. Meu marido viajou muito. Eu não podia acompanhá-lo porque estava grávida. Ele passeava e se encantava com o Brasil. Percorreu todo o Paraná, voltou e disse: “Helena, estou encantado”.

- Gostaram tanto do Paraná e do Brasil que resolveram não mais voltar à Polônia?

- Sim. Nunca mais voltamos à Polónia, nem a passeio.

- Começaram fazendo o que para sobreviver no Brasil?

- Havia em Curitiba um polonês muito rico, dono de muita terra em vários lugares. Alugamos dele uma fazenda de 1.500 alqueires em Cruz Machado, hoje Quedas do Iguaçu. Na fazenda havia mais de 140 cabeças de gado holandês, ovelhas, cabras e dois barbaquás (secadores de erva-mate) enormes. O que havia de vivo e morto nós

arrendamos.

Tínhamos vinte famílias de empregados que colhiam e secavam a erva-mate. Mas trabalhavam quatro meses por ano, na safra, e nós tínhamos que mantê-las no resto do ano. Formamos lá uma verdadeira fazenda modelo, inclusive com gerador elétrico próprio.

- Tudo lá às mil maravilhas?

- Tudo, mas aconteceu uma tragédia, um vendaval que arruinou tudo. Certo dia, meu marido pegou o carrão puxado por quatro cavalos e foi comprar mantimentos numa cidade distante 70 quilômetros, numa viagem que durava cinco dias. Eu fiquei em casa com meu filho recém-nascido. À noite caiu um vendaval tremendo, um furacão de vento, raios e trovões e chuva-de-pedra. Um pinheiro caiu sobre os fios de luz e ficamos no escuro. O barulho lá fora era infernal. Parecia que estava chegando o fim do mundo. De repente, uma enorme goiabeira caiu sobre o telhado da cozinha. Agarrada ao filho fui me abrigar no banheiro. E pensava assim: se eu morrer aqui quero que ele também morra, para não ficar sozinho neste inferno.

- E seu marido longe de casa...

- E eu preocupada com o que poderia acontecer a ele. Quando chegou em casa não encontrou mais vaca, porco ou galinha. O furacão havia levado, varrido tudo. Rescindimos o contrato de arrendamento da fazenda e voltamos a Curitiba. Meu marido foi trabalhar numa colonização financiada pelo governo

- polonês. Então apareceu lá um militar que sugeriu ao meu marido que fosse morar na Argentina. Ele veio ver, gostou e voltou a Curitiba disposto a mudar para cá.
- **A viagem deve ter sido uma epopéia?**
 - Foi. Levou três semanas, de carroça, transpondo tudo quanto é obstáculo - e eu grávida de oito meses. Quando havíamos chegado a Foz do Iguaçu perguntei ao meu marido Jorge se faltava muito para chegar.
 - **A cidade era tão grande que quem chegava não percebia que havia chegado. Mas como se acomodaram aqui?**
 - Alugamos um galpão da viúva Ottília Schimmelpfeng e lá ficamos um mês. Fomos procurados pelos Schimmelpfeng, dispostos a nos ajudar. Meu marido, que era agrônomo, disse que tinha interesse em trabalhar na terra. Ganhamos toda esta área próxima ao Marco das Três Fronteiras e viemos para cá quando minha filha Helena, que até hoje vive aqui comigo, tinha então sete dias de vida. Quando ela nasceu, de noite, a parteira, Evelina, veio fazer o parto armada de revólver.
 - **Embrenharam-se no mato e começaram vida nova.**
 - Derrubamos mato e plantamos grama, compramos vacas, fizemos criação de porco e galinha, horta e tudo mais, para vender na Argentina. Os argentinos de Puerto Iguazú não produziam alimentos, por isso nós vendíamos de tudo lá. Eu mesmo aprendi a remar e ia vender na Argentina. Fiz isso durante muitos anos.
 - **Seus filhos estudaram?**
 - Todos estudaram e quase todos se formaram. Um deles é agrônomo e trabalha na FAO, no Chile.
 - **Seu marido Jorge faleceu quando e de quê?**
 - Faleceu aos 66 anos, de câncer na próstata. Ficou nove anos doente. Os médicos não descobriam o que ele tinha. Quando descobriam, em Curitiba, era tarde. Ele está enterrado lá.
 - **Nos 60 anos em que está vivendo neste triângulo das Três Fronteiras, que histórias tem para contar do histórico Porto Meira?**
 - Houve um tempo em que os turistas vinham até o Marco das Três Fronteiras a cavalo ou em charretes, porque não havia carros e a estrada era horrível. Certa vez veio aqui o governador Moisés Lupion pedir carona para ir à cidade. Meu marido o levou de charrete, com preço previamente combinado. No fim da viagem, o "judeu" (Lupion) não queria pagar, alegando que a viagem foi muito desconfortável, mas acabou pagando.
 - **Havia criminalidade em Foz do Iguaçu naqueles tempos?**
 - Não havia. Lembro só que contavam que um paraguaio que morava na ilha Acaray, do rio Paraná, matou outro paraguaio. Quando ocorria um crime de morte era motivo de comentário durante muito tempo. Causava muito choque. Hoje matam um por dia e ninguém se importa.
 - **Tem irmãos ou outros parentes próximos na Polónia? Comunica-se com eles?**
 - Meus familiares e do meu falecido marido estão todos mortos. Morreram nas duas guerras mundiais. Quando o comunismo entrou na Polónia, quem podia fugir fugia, quem ficava morria.
 - **Alguns teriam terminado em campos de concentração?**
 - Sem dúvida. Vários de minha família e de meu marido foram mortos numa chácara em que os comunistas russos invasores mataram seis mil pessoas. Os condenados foram levados à beira de duas valas e, amarrados uns nos outros com arame farpado, foram fuzilados e enterrados ali. Esse foi o chamado holocausto ao povo judeu.
 - **Vocês aqui no Brasil eram informados do que se passava na Polónia por seus familiares?**
 - Ficávamos sabendo pelos jornais. Minha família toda acabou. Muitos parentes foram queimados nos crematórios dos campos de concentração.
 - **Treblinka, Sobibor...**
 - E muitos outros.
 - **Se tivessem ficado na Polónia, teriam sido mortos também?**
 - Certamente. Meu marido Jorge serviu na Primeira Guerra, então seria chamado para a Segunda, para resistir à invasão nazista e depois russa. Seria morto com certeza.
 - **Na Primeira Guerra Mundial a senhora estava na Polónia. Esteve perto ou dentro do fogo cruzado?**
 - Quando estourou a Segunda Guerra eu



Arquivo Família Barthel

Herberth Barthel

"Eu sou de origem alemã e nunca sofri por isso. Se houve prisões de alguns alemães foi porque faziam bebedeiras e saíam por aí gritando Heil Hitler!"

A história de Herberth Barthel foi buscada na localidade de Remanso Grande, na barranca do Rio Iguazu, lá onde a família se instalou em 1926, vinda do Rio Grande do Sul. Esta entrevistada acrescenta novos dados e novas cores do que foi Foz do Iguazu em idos tempos, na visão particular de quem viu e ajudou a fazer a sua bela história desde a roça.

(Juvêncio Mazzarollo)

- De onde e quando a família Barthel veio a Foz do Iguazu?
- Veio do Rio Grande do Sul em 1926, quando eu tinha seis anos de idade. Viemos por Posadas, Argentina. Em Posadas meu pai aproveitou para comprar tudo o que iria precisar aqui. Chegando, fomos direto à localidade de Remanso Grande, quase às margens do rio Iguazu, onde meu pai tinha sua terra. A cidade de Foz do Iguazu se resumia a umas poucas casas e dois estabelecimentos comerciais. O desenvolvimento foi muito lento, mas reinava paz em toda a região.
- Não havia conflitos de terras, por exemplo?
- Não, talvez até porque ninguém dava valor à terra e porque havia terra em abundância, além de ser muito barata. Conflitos de terra e outras brigas vieram mais tarde. Eu morei com meus pais até os 21 anos de idade.
- Foi para onde, então? E fazer o quê?
- Fui prestar serviço militar no batalhão do Exército, aqui mesmo em Foz do Iguazu. O comandante era o capitão Alcir Resende. Foi durante a Guerra Mundial, por isso tive que ficar quatro anos no quartel. Criei que éramos cerca de 700 soldados. Mas a guerra não afetou o município.
- O que fazia o batalhão? Que missão o senhor tinha na tropa?
- Nosso maior serviço era a repressão ao contrabando de pneus, levados em caminhões e mais caminhões até o rio Paraná e dali para a Argentina, de barco. Apreendemos grandes quantidades de pneus e prendemos muitos contrabandistas, inclusive pessoas muito conhecidas na cidade, que não residem mais aqui.
- Como faziam o patrulhamento dos rios?
- A pé ou a cavalo. O batalhão só tinha um jeep do tipo chamado de pé-de-bode. Nas patrulhas também tínhamos ordem de prender quem encontrássemos sem documentos.
- Durante a Guerra Mundial, não houve problemas com os alemães residentes em Foz do Iguazu?
- Sei de algumas famílias alemãs que se mudaram para Guarapuava, não sei se forçadas ou por escolha própria, por precaução, já que aqui é área de fronteira. Perseguição não havia. Eu mesmo sou de origem alemã e nunca sofri qualquer molestação por isso. Se houve prisões de alguns alemães foi porque faziam bebedeiras e saíam por aí gritando "Heil Hitler!" Ficavam detidos dois ou três dias e eram libertados.
- Depois de dar baixa no quartel, o que o senhor foi fazer?
- Montei uma fábrica de refrigerantes, tocada a mão, pois não havia energia elétrica. A matéria-prima vinha de fora, e o resto fazíamos aqui. Resolvi montar a fábrica porque os refrigerantes vendidos aqui eram trazidos de longe, da Argentina, por isso custavam muito caro. Batiizei minha fábrica de Trés Fronteiras. Fabricava cerveja também, com essa marca. Mais tarde montei um restaurante, ali onde hoje está

o Edifício Metrópole (travessa Cristiano Weirich). Praticamente era o único restaurante digno do nome na cidade. A clientela maior era formada por turistas.

- **Outro acontecimento para Foz do Iguaçu foi a construção da Ponte da Amizade, certamente. Que lembrança tem desse feito?**

- A construção começou em meados da década de 50, no governo JK. Foi inaugurada em 1965 pelo presidente Castelo Branco, quando houve a maior aglomeração de gente da história de Foz do Iguaçu até então. Aliás, gostaria de anotar que votei em Juscelino Kubitschek para presidente. Inclusive fiz uma aposta de que ele venceria a eleição.

- **Lembra de como Foz do Iguaçu foi resolvendo a questão da energia elétrica?**

- Na década de 30 havia um gerador instalado onde hoje está o Banco Nacional. Era um gerador velho, que raramente funcionava. Quando funcionava só se podia acender a luz três horas por noite. Depois foi instalado outro gerador no bairro Boicy. Se não me engano, isso ocorreu em 1958. No início funcionou bem, depois começou a dar problemas. Falava luz constantemente, o que deixava a população revoltada. Certo dia, fizeram uma passeata com velas acesas e foram até o gerador, numa espécie de enterro simbólico do gerador que não funcionava.

- **Quem resolveu o problema de energia elétrica em Foz do Iguaçu foi o governador Ney Braga, no início da década de 60, não?**

- Foi ele, sim. Quando era candidato a governador, em 1962, veio fazer campanha

em Foz do Iguaçu e, no comício, prometeu que se fosse eleito a primeira coisa que faria seria trazer energia elétrica para cá. Cumpriu a promessa, apesar de ter recebido o governo meio falido.

- **Lembra de quando chegou cinema à cidade?**

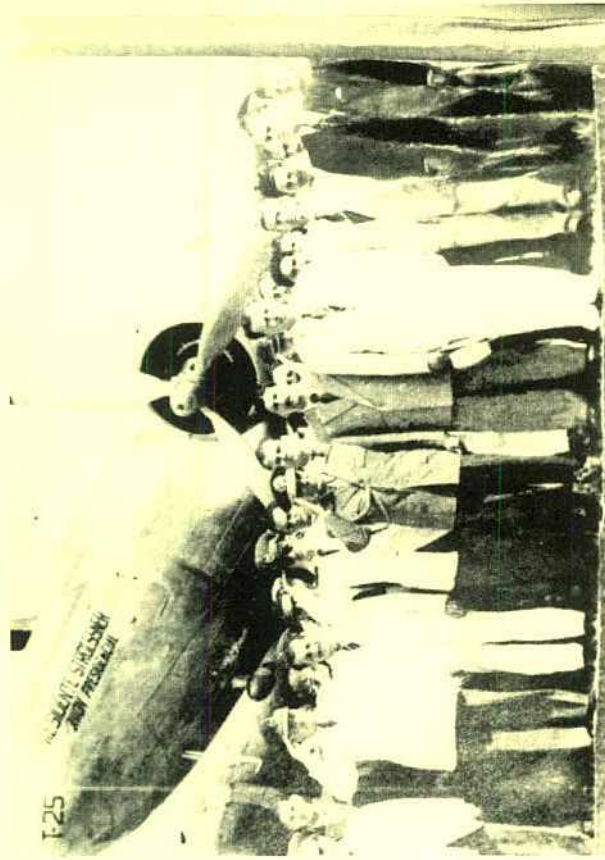
- Não lembro a data, mas o primeiro cinema foi de um certo Palma. Só passava filme mudo. Muitas vezes começava e não terminava a exibição porque faltava energia.

- **Havia algum tratamento médico disponível quando sua família aqui chegou?**

- Médico não havia. Só mais tarde chegou o primeiro farmacêutico, que fazia também a função de médico. Chamava-se Rômulo Trevisan. Fazia partos, curava malária, muito freqüente na região. Certa vez, toda minha família estava com malária. Tratava-se malária com quinino. Não havia outro remédio. Até que enfim, começou a vir um remédio da Suíça. O primeiro médico de Foz do Iguaçu foi o dr. Dirceu Lopes, que também foi prefeito. Era um médico muito dedicado e competente. Se algum pobre não tivesse dinheiro para pagar, ele atendia assim mesmo, de graça.

(Extraído do "Nosso Tempo" - Edição de 18/06/81)

Reprodução



Stroessner em visita oficial a Foz no final dos anos 40:

Retratos Foz do Iguaçu

Reprodução



O grupo escolar Bartolomeu Mitre na sua primeira fase em 1943, na época em que funcionava era na rente da praça Getúlio Vargas.



Aurea Cunha

Hermenegildo Aquino

“Eu estudei sim, acho que até a quarta série. Foi difícil, a professora morava numa picada muito longe de casa. Não tinha nada, era uma picada até lá”

O funcionário municipal Hermenegildo Aquino - nasceu em Foz do Iguaçu em 13/4/1916 - diz que já não consegue lembrar muito das “coisas que aconteceram” na sua época. Casado com Felipa Aquino, pai de seis filhos (Wilson Roberto, Leonarda, Ivo Celestino, Guilhermina, Zunilda e Fernando Mauro), trabalhou durante 30 anos na Prefeitura de Foz. (Zé Beto Maciel)

- O senhor trabalhou durante muito tempo na Prefeitura. Como era naquela época?

- Bom, naquela época não é como é hoje, era tudo manual. Era bom porque eu nunca tenho nada a falar da Prefeitura, sempre trabalhei bem, meus chefes prefeitos eram bons.

- Tinha que abrir estradas ... que tipo de trabalho?

- Com picareta, pás, essas coisas, porque não tinha essas máquinas escavadeiras ou caminhões, nós trabalhávamos, a coleta de lixo era feita com carroça.

- E qual era o seu trabalho?

- Eu fazia limpeza, fazia valetas para escorrer água da rua, conserto de ponte, pontilhão, esse era o meu serviço. Fazer limpeza na cidade, onde era sujo tinha que desmatar.

- Quantas pessoas faziam parte da sua equipe?

- Quando eu entrei na Prefeitura eram 6, 7.

- O sr. lembra quem era o prefeito nessa época?

- Era o Guaraná de Menezes

- Depois veio quem?

- Parece que era o dr. Dirceu Lopes, o capitão Jacob Beck, Emílio Gomes, e depois veio o Osires Santos. Aí vieram os coronéis (José

Carlos Toledo, Julio Werner, Clóvis Cunha Vianna).

- O sr. se aposentou na época do coronel Clóvis Cunha Vianna ou do coronel Toledo?

- Eu fui aposentado na época do Coronel Clóvis. Me enganou. Depois que saiu o Clóvis, e eu saí com o Benvenutte.

- Em qual função que o sr. se aposentou?

- Eu estava trabalhando com a turma na conservação da estrada das Cataratas, no DRM.

- O sr. lembra quais estradas que abriu aqui e ficaram famosas?

- Estrada não digo, eu trabalhei na estrada (BR-277) mas não estava na Prefeitura. Eu trabalhei na estrada sim, porque eu fazia serviço rodoviário, consertar estradas, pontilhão, ponte, essas coisas assim. Foi quando começou, trabalhei um pedaço, depois não trabalhei mais, porque era empreiteiro que pegava, aí era muita gente e não dava certo. Depois disso aí eu trabalhei no parque.

- Parque Nacional? E como era o seu trabalho?

- Serviço de limpeza.

- O sr. ajudou a construir aquelas casas ou não? Elas já estavam construídas?

- Quando eu entrei lá já tinha, tinha a sede.